



LUCAS PEREIRA GUEDES

**WEBLITERATURA: NOVAS FORMAS DE LER, ESCREVER E
INTERAGIR**

CAMPINAS,

2014



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM
LABORATÓRIO DE ESTUDOS AVANÇADOS EM JORNALISMO –
LABJOR**

LUCAS PEREIRA GUEDES

**WEBLITERATURA: NOVAS FORMAS DE LER, ESCREVER E
INTERAGIR**

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Cristiane Pereira Dias

**Dissertação de mestrado apresentada ao
Instituto de Estudos da Linguagem e ao
Laboratório de Estudos Avançados em
Jornalismo, da Universidade Estadual de
Campinas, para obtenção do título de mestre em
Divulgação Científica e Cultural, na área de
Divulgação Científica e Cultural**

CAMPINAS,

2014

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem
Teresinha de Jesus Jacintho - CRB 8/6879

Guedes, Lucas Pereira, 1981-
G934w Webliteratura : novas formas de ler, escrever e interagir / Lucas Pereira
Guedes. – Campinas, SP : [s.n.], 2014.

Orientador: Cristiane Pereira Dias.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de
Estudos da Linguagem.

1. Internet. 2. Literatura. 3. Ciberespaço. I. Dias, Cristiane Pereira. II.
Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III.
Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Webliterature : new ways to read, write and interact

Palavras-chave em inglês:

Internet

Literature

Cyberspace

Área de concentração: Divulgação Científica e Cultural

Titulação: Mestre em Divulgação Científica e Cultural

Banca examinadora:

Cristiane Pereira Dias [Orientador]

Marcos Aurélio Barbai

Susana Oliveira Dias

Data de defesa: 28-02-2014

Programa de Pós-Graduação: Divulgação Científica e Cultural

BANCA EXAMINADORA:

Cristiane Pereira Dias



Marcos Aurélio Barbai



Susana Oliveira Dias



Jose Horta Nunes



Ana Silvia Couto de Abreu



IEL/UNICAMP
2014

RESUMO

Em *Webliteratura: novas formas de ler, escrever e interagir*, buscamos nos aprofundar nestas três ações que correspondem respectivamente ao leitor, ao escritor e à interação entre ambos a partir desta nova possibilidade de produção literária que pressupõe a existência de novas formas do fazer literário.

Mais que definir ou conceituar o termo webliteratura, pretendemos entender as principais mudanças ocorridas em vários campos da produção literária, tanto no mercado editorial, como na estrutura da produção textual que, com o surgimento deste novo suporte para produção literária, a internet, dá margem à popularização dos gêneros textuais digitais e de um possível novo gênero literário. Buscamos entender as características que insinuam o surgimento desse gênero, a webliteratura, que acompanha um movimento de renovação de linguagem literária surgida após a aquisição desse novo meio de produção e divulgação, a internet.

Palavras-chave: internet, literatura, ciberespaço.

ABSTRACT

In *Webliterature: new ways to read, write and interact*, we seek to deepen these three actions that correspond to the reader, the writer and the interaction between them from this new possibility of literary production which presupposes the existence of new ways of doing literary.

Rather than defining or conceptualizing the term webliteratura, we intend to understand the key changes in various fields of literary production, both in publishing, as in the structure of textual production that, with the emergence of this new medium for literary production, internet, gives rise the popularization of digital genres and a possible new literary genre. We try to understand the characteristics that imply the emergence of this genre, the webliteratura, accompanying a movement for the renewal of literary language that arose after the acquisition of this new means of production and dissemination, the Internet.

Keywords: internet, literature, cyberspace.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	01
PARTE 1: CULTURA, INTERNET.....	09
1.1 AS ORIGENS DA INTERNET.....	18
1.2 A ESFERA PÚBLICA VIRTUAL	24
PARTE 2: A QUESTÃO DOS BLOGS E OS BLOGS LITERÁRIOS	31
PARTE 3: ESTA TAL WEBLITERATURA.....	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	51
REFERÊNCIAS.....	55
ANEXOS.....	58

Ao Lusmar e à Nena
Ao Arthur, ao João e à Isabella

Agradeço aos meus pais Lusmar e Nena, aos irmãos Tiago, Priscila, Talita e Juliana, aos sobrinhos Arthur, João e Isabella, aos cunhados Eder e David;

Ao Eduardo de Araújo Teixeira, primeiro parceiro e principal incentivador;

À Unicamp: às secretárias Alessandra e Marivane, às professoras Cristiane Pereira Dias e Susana Oliveira Dias, aos professores Marcos Aurélio Barbai e José Horta, aos colegas de classe;

Aos amigos e amigas, da vida em carne e da vitrine do facebook, em especial: Leticia, Thaís, Samantha, Henrique, Maíra, Natasha, Vivo, Jurandy, Adriane, Felipe, Helena, Fabiana, Paula, Karlos, Tabita, Roberta, Carlos, Katia, Guilherme, Giancarlo, Luna, Talita, Jeferson; Aos que passaram antes, durante e depois;

À Hilda Hilst e à Casa do Sol, seu Instituto; Aos escritores Marcelino Freire, Ana Rüsche, Caio Fernando Abreu, Colin Wilson, Daniel Galera, Marguerite Duras, Ivan Antunes, Albert Camus, Lubi Prates, Isadora Krieger;

Aos professores Juarez Xavier, Wildney Feres, Carlos Monteiro, Emerson Inácio, Ana Ruiz e Lurdinha, da biblioteca;

Aos Novos Baianos;

À Escola Municipal Marlene Rondelli;

Aos outsiders, aos que esqueci, aos que ainda acreditam e aos que deixaram de acreditar.

coração a tu alisado

*esperei email: não veio
angusti lu cid in fin dá vel
disparei apertar o botão
atualizar*

a tu alisei a Pá Gina

*por prenúncio de tédio total
da tentativa toda teimosa
e de tanta espera
teclei outro jogo
paciência.*

*nó em papeis de bala pela mesa
olhar da janela a tela por três
vezes
entre copa espada e pau
um balão.
precisava dama fácil
veio rei e balão preto*

a tu alisei a Pá Gina

*até com a provocação do explode
tela:
na propaganda do Sushi Erótico
e nova capa da Revista Bela
dois cliques tristes
nada teu tudo meu*

*negocieei angústias com o Caps Shift
e Del
sorri loucos versos imaginados
até gastar divorciar os meus seus
botões*

a tu alisei a Pá Gina

*ERRO no GENERALIZADO:
problema no page cannot be found
assustei o que não deveria assustar
sustei relações com o sistema*

*saí só num silêncio ressentido
sem atualizar a página*

Ivan Antunes, no blog *O tatu bola*
(<http://otatubola.blogspot.com.br>)

Vice-homem

*Para despir basta ter o que convém
Disse mudar nas horas de ninguém
Pra cada passo a dar
Ver o que cabe a qual
Momento pequeno
Que inexistente na paráfrase verbal
Expira o sentimento atroz
Deposto
No rosto
O temor que todo homem*

*Cada passo a dar
Ver o que cabe a qual
Momento pequeno
Que inexistente na paráfrase verbal
Inspira o sentimento atroz
Deposto
No rosto
O temor que o vice-homem tem*

Dorgas, 2013

INTRODUÇÃO

Não, amor, isto não é literatura.

Ana Cristina Cesar¹

Uma das discussões mais recentes, no que diz respeito aos estudos literários, é a que vivemos atualmente após o advento da internet. Com a crescente popularização dos novos meios de comunicação e das novas tecnologias no meio digital, deixamos de ser apenas usuários ou navegantes, como antes se costumava dizer, e passamos a ser habitantes da internet à medida que passamos a interagir, produzir e viver o ambiente virtual muito mais intensamente do que imediatamente após o seu surgimento.

O paradigma clássico da comunicação (emissor > mensagem > receptor), que vem sendo diluído em termos de linguagem muito antes da internet, ganha novos e múltiplos modelos na era digital. O papel do emissor torna-se plural, múltiplo e pode ser, ao mesmo tempo, receptor. O desafio, neste caso, é tentar compreender que as transformações ocorridas na sociedade contemporânea nas últimas décadas – mudanças estas percebidas em quaisquer campos da existência humana – são parte de um processo histórico social, mas também de aspecto tecnológico que, independentemente de ser nocivo ou benéfico, antes de tudo é um processo em construção, com resultados ainda desconhecidos, porém cada vez mais estudados.

Sendo assim, qualquer texto que pretenda desvendar, analisar ou apenas esboçar sobre tais mudanças, a partir da influência que as tecnologias exerceram e exercem na vida cotidiana, corre o risco de criar hipóteses interpretativas muitas vezes meramente polêmicas, dicotômicas e simplistas, tendo em vista a complexidade do meio digital, o emaranhado de questões relacionadas à criação artística que o ambiente virtual nos põe.

Por outro lado, o tal paradigma clássico da comunicação se esfacela também diante de recentes pesquisas em sistemas interativos, telemática, inteligência artificial e robótica. Agora, temos que pensar em ubiquidade das redes planetárias, na presença de avatares que são personagens de encontro em mundos virtuais interativos. Isso sem falar da possibilidade de explorarmos a capacidade de adaptatividade de redes neurais

¹ *Inéditos e dispersos*. São Paulo: Instituto Moreira Sales/Ed. Ática, 1998.

artificiais que progridem em suas respostas, e outras situações que antes a arte não tinha oportunidade de pensar e usufruir.

Depois de quase dez anos de pesquisa no campo da internet, principalmente sobre os efeitos negativos que ela proporciona, como crimes chamados virtuais e incitação do ódio, pudemos não apenas fazer uma imersão teórica e - na medida do possível, empírica no tema, entramos em contato com diversos pensadores e bibliografias e tivemos a oportunidade de conhecer diferentes abordagens de pesquisa. É impressionante o número de trabalhos acadêmicos dedicados aos estudos da internet que se desenvolveram durante este tempo. Seria necessário um estudo mais preciso e estatístico para melhor detalhamento destes dados, mas não há dúvidas que tais trabalhos se multiplicaram ao longo da última década.

No entanto, grande parte das discussões – sobretudo nos últimos vinte anos – partiu de (e para) alguns pressupostos que basicamente chegavam a conclusões quase que apocalípticas com base no surgimento de uma nova sociedade interligada, tecnologizada e informatizada por conta de um novo elemento que viria a fazer parte do cotidiano de grande parte da população, o computador.

Não raro, ouvimos falar sobre o fim do livro, o fim do papel, o fim da literatura impressa. Novas palavras brotam em nosso vocabulário. E-books, tablets, gadgets, widgets. Apps, download, upload. Bug. Palavras que, se antes tínhamos um cuidado especial ao escrever, obedecendo a recomendações de normas, hoje se tornaram tão comuns, que muitas vezes nem pensamos de onde vieram e em um mundo supostamente globalizado, quase não existe mais a barreira do idioma. Você já *baixou* o novo disco daquela banda? Palavras e termos tradicionais soam como se fossem velhos, com um tom até mesmo saudosista. Livro de cabeceira, cânone, obra literária, bibliografia. Palavras estrangeiras ganham verbos abasileirados. Você pode *upar* o arquivo para mim? Seria mesmo o fim? E esta proliferação infinita de meios de reprodução das informações nos levará a que estado de conhecimento?

Cabe aqui citar três hipóteses formuladas por Jean Baudrillard (1991, p. 103-104), porque são muito esclarecedoras dos paradoxos desta inflamação informacional que vivemos no tempo do agora. O autor diz que nós estamos num universo em que existe cada vez mais informação e cada vez mais menos sentido. E enumera três

hipóteses:

Ou a informação produz sentido (fator neguentrópico), mas não consegue compensar a perda brutal de significado em todos os domínios. Bem se podem reinjetar, à força de *media*, mensagens, conteúdos; a perda, a dissipação do sentido é mais rápida que a sua reinjeção. Neste caso é preciso fazer apelo a uma produtividade de base, para substituir os *media* defeituosos. É toda a ideologia da liberdade de palavra, dos *media* desmultiplicados em inúmeras células individuais de emissão e até dos anti-*media* (rádios piratas, etc.) Ou a informação não tem nada a ver com o significado. É outra coisa, um modelo operacional de outro tipo, exterior ao sentido e à circulação do sentido propriamente dito. É hipótese de Shannon: de uma esfera de informação puramente instrumental, *médium* técnico que não implica qualquer finalidade de sentido e, portanto, que não pode ser sequer implicada num juízo de valor. Espécie de código, como o pode ser o código genético: o que é, funciona assim. O sentido é outra coisa que de certo modo vem depois, como com Monod em *Le Hasard et la Nécessité*. Neste caso não haveria, pura e simplesmente, relação significativa entre a inflação da informação e a deflação do sentido. Ou então, pelo contrário, existe correlação rigorosa e necessária entre os dois, na medida em que a informação é diretamente destruidora ou neutralizadora do sentido e do significado. A perda do sentido está diretamente ligada à ação dissolvente, dissuasiva, da informação, dos *media* e dos *mass media*.

Sem abandonar ou desprezar questões apontadas por teorias clássicas, mas – pelo contrário – ressaltando a importância que tiveram e ainda têm para o entendimento do mundo em que vivemos, este trabalho sugere uma visão que reconhece a reafirmação da noção do fim de uma era e início de outra, como propõe Pierre Lévy (1993, p. 17) ao dizer que um novo estilo de humanidade é inventado, mas também enfatiza a soma de outras teorias surgidas a partir de pensadores da contemporaneidade, partindo da premissa de que todo processo histórico é composto por ações determinadas pelo tempo, pela experiência e pelos sujeitos a partir de relações sociais, econômicas e políticas entre pessoas, classes, povos, culturas e civilizações.

Para Santos (2009, p. 28), processos e situações semelhantes já vividas em outras épocas, por outras artes, podem muito bem servir como modelos para entender paradoxos, impasses e limites dos estudos literários, como os que se experimentam atualmente quando se examina a literatura do meio digital:

Com isso, essa atual mudança de paradigmas, do impresso para o ciberespaço, pode ser mapeada, estudada e compreendida, a partir de mudanças de paradigmas com dinâmicas e condições algo semelhantes às que hoje se observam.

Em se tratando de um trabalho que tem a internet – além da literatura, obviamente - como objeto de estudo, encontramos uma questão que se mal apropriada pode se tornar um problema: a dispersão. O uso de equipamentos com tecnologias que permitem o uso da internet já é em si uma atitude que, se por um lado facilita e ajuda na comunicação ou mesmo em situações cotidianas, dispersa, à medida que promove a possibilidade de caminhar por diversos aplicativos, telas, mensagens.

Alguns leitores poderão, talvez, perceber uma certa dispersão no decorrer da leitura, o que não atrapalha, de forma alguma, o entendimento das questões aqui apresentadas e das discussões que o texto pretende, em si, suscitar. Não se trata de uma escolha proposital ou de um estilo preconcebido, mas sim, do resultado de uma pesquisa ainda incipiente, que não despreza critérios metodológicos tradicionais, mas que também não se prende à normas conceituais que poderiam, talvez, inibir um processo de pesquisa e escrita que pretende ser livre.

Se em seu significado psicológico a dispersão denota falta de atenção ou mesmo de cuidado, aqui aparece como a sensação de realidade, um exercício dispersivo que opera em nossos gestos e olhares, como um retrato das informações apresentadas em meio eletrônico, sobretudo na internet, em que o espaço de leitura permite ligações externas às de origem, ora fragmentadas, ora desfragmentadas, separadas por páginas, abas, janelas, links, hiperlinks e que possibilita um passeio descentralizado, porém minimamente organizado.

Buscando se aproximar da definição da palavra Teoria (*theoria*, no grego é contemplação, observação, exame), este trabalho se propõe a apresentar as relações entre literatura e internet, sobretudo ao abordar as possíveis mudanças na escrita, na leitura e na interação entre escritor e leitor. Ao denominar este trabalho como *Webliteratura: novas formas de ler, escrever e interagir*, buscamos nos aprofundar nestas três ações que correspondem respectivamente ao leitor, ao escritor e à interação entre ambos a partir desta nova possibilidade de produção literária que pressupõe a existência de novas formas do fazer literário. Entretanto não pretendemos estudar a romances, poesias, autores e nenhum tipo de livro específico, mas sim, este novo fenômeno que se configura e é cada vez mais disseminado em sites especializados (em literatura ou em internet).

Mais que definir ou conceituar o termo webliteratura, pretendemos entender as principais mudanças ocorridas em vários campos da produção literária, tanto no mercado editorial, como na estrutura da produção textual que, com o surgimento deste novo suporte para produção literária, a internet, dá margem à popularização dos gêneros textuais digitais e de um possível novo gênero literário. Buscamos entender as características que insinuam o surgimento deste gênero, a webliteratura, que acompanha um movimento de renovação de linguagem literária surgida após a aquisição deste novo meio de produção e divulgação, a internet.

Neste momento faz-se necessária uma breve explicação a respeito do tema proposto. *A priori* o título deste trabalho era *Portal Cronópios: uma análise das revistas literárias na internet*. Após uma série de acontecimentos particulares somados ao período de disciplinas cursadas, participação em eventos, entrevistas, mudança estrutural da revista, estágio docente e, por fim, uma residência artístico-literária realizada durante um mês no Instituto Hilda Hilst (Casa do Sol), houve uma mudança de pensamento em relação ao objeto de estudo.

A imersão e o isolamento proporcionados pela residência na Casa do Sol, cujo principal objetivo era finalizar o texto desta pesquisa e produzir outros materiais com teor estético, teórico e poético na área de publicações independentes a partir de textos produzidos na internet, fizeram com que uma nova proposta tomasse corpo e assim este novo texto foi gerado. A partir daí vamos nos abordar a questão dos blogs, da cultura, da internet, da comunicação, da literatura, da tecnologia e como estes elementos interagem entre si, formando o que chamamos de webliteratura, termo surgido em meados da década de 2000 para classificar a literatura produzida na internet.

Apesar de ser um tema recorrente nos estudos literários e de estarmos trabalhando com a questão da internet há algum tempo, este trabalho apresenta um mapeamento inicial no diz respeito à relação internet/literatura, uma vez que, a partir das transformações ocorridas no decorrer do caminho, das disciplinas cursadas, das bibliografias lidas e das entrevistas realizadas, o texto “final” apresenta um material relativamente diferente da proposta inicial. Como objeto de estudo, temos um campo bastante variado e diverso, uma vez que a internet é um ambiente em constante

processo de mudança e desenvolvimento que, mesmo sendo usado como ferramenta para diferentes tipos de trabalho, que vão desde pesquisas, fonte de informação, trocas de mensagens online, uso de redes sociais até mobilizações políticas de âmbito internacional, é também um espaço propício para produção e disseminação de literatura.

Além de uma abordagem desta nova forma de fazer literatura, queremos observar o tipo de gênero textual preponderante nos sites e revistas literárias online, e de modo mais geral a linguagem e estilo destes textos, mapeando o processo de divulgação dos textos publicados na internet.

Interessa-nos ainda identificar até que ponto a tecnologia altera – se é que altera – o modo de produzir (escrever) e consumir (ler) crítica literária com base também em “comentários críticos” de leitores e analisar o processo de interatividade estabelecida nos portais, blogs, sites, por meio dos comentários.

A partir do pressuposto de que a literatura encontra um ambiente rico e diverso em possibilidades de expressão, acelerando potencialmente ganhos intelectuais e abrindo o acesso cultural de forma sem precedentes, esta nova forma de consumir literatura via internet causa uma proximidade muito maior entre escritor-leitor.

Para melhor compreensão deste tema complexo, além da introdução, o texto será dividido em três partes (capítulos) e seus subtítulos, a saber: **parte 1. Cultura e internet:** 1.1: As origens da internet; 1.2: A esfera pública virtual; **parte 2. A questão dos blogs e os blogs literários;** **3. Esta tal webliteratura** e por fim, as **considerações finais.**

Em *Cultura e internet* pretendemos iniciar a discussão apontando definições tradicionais do que costumamos chamar de cultura. Por entender que a literatura é também uma arte, relacionamos a divisão dos movimentos artísticos europeus com os gêneros literários e apontamos algumas questões inerentes à comunicação e à escrita digital, que serão melhor apresentados posteriormente, no capítulo *Esta tal Webliteratura*.

Para contextualização do trabalho, consideramos importantes alguns dados históricos em relação ao surgimento da Internet, por isso dedicamos o segundo capítulo, *As origens da internet*, para este fim. Já em *A Esfera pública virtual*,

abordamos como são constituídos os principais nichos online na internet e as redes sociais, a partir do conceito de esfera pública de Habermas (1984).

Em *A questão dos blogs e os blogs literários* exemplificamos e apresentamos os principais autores que começaram a produzir ou que tiveram maior exposição após o surgimento da internet. A partir de uma análise da produção de tais escritores, tanto na internet, como em material impresso, a ideia é identificar se seus textos são de fato influenciados por uma nova linguagem ou se usam as ferramentas virtuais apenas como suporte e divulgação de seus trabalhos. A questão será aprofundada no próximo capítulo, *Esta tal Webliteratura*, em que pretendemos tratar a questão da literatura em ambiente digital e virtual a partir dos pontos abordados nos capítulos anteriores. Aqui, o próprio título do trabalho será dissecado com base na produção bibliográfica de autores como Chartier (2002), Marcuschi (2004) e mais recentemente, Santos (2009).

Ainda neste capítulo, serão abordados projetos especiais que colaboram para a discussão da literatura em ambiente virtual: os eventos literários cada vez mais frequentes (feiras, festas, oficinas);

O capítulo que antecede as considerações finais, traz um panorama das revistas literárias impressas e online, pois acreditamos que a crítica literária, tanto impressa, como a produzida em ambiente digital, desempenha uma papel importante na construção de um novo discurso e na divulgação do trabalho dos escritores.

Apresenta ainda algumas revistas literárias online e blogs de escritores e de projetos literários, como por exemplo o *dinossauros e anfíbios*, da poeta Ana Rüsche, espaço virtual voltado ao debate sobre língua e literatura e eventos que acontecem via chat, vídeos, fóruns e até leituras de poemas pelo Second Life e *O Frágil Toque dos Mutilados*, mesmo título do projeto de romance vencedor do Prêmio Governo de Minas Gerais de Literatura na categoria “Jovem Escritor Mineiro”. O autor, Alex Sens Fuziy, teve a incumbência de escrever um livro de 300 laudas em seis meses e criou este blog para compartilhar o processo criativo:

A ideia do blog é compartilhar o processo criativo deste romance de uma forma que não aprofunde demais nos detalhes e na própria história para não ser estraga-prazeres. Por isso o subtítulo “um romance em expansão”, porque é isso: o romance está expandindo, está crescendo, e vocês vão presenciar essa expansão nos próximos meses comigo.

Fuziy também criou uma página no Facebook para atualizar o andamento de sua produção, com fotos, vídeos, informações, perguntas e consulta aos leitores:

Alguém conhece um bom NEFROLOGISTA que possa me tirar algumas dúvidas por email? É para o livro que precisa de uma orientação mais técnica num determinado capítulo.

Em todos os blogs e revistas citados nos interessam, mesmo que não abordados detalhadamente cada item, os textos, o design, o discurso, o estilo, a periodicidade, o autor, o leitor, os comentários. O estudo de tais elementos somados vai colaborar para responder as questões expostas nesta introdução e apresentar as considerações finais que, mesmo estando longe de nos dar afirmações categóricas acerca do futuro da literatura na internet, vão apontar caminhos para entendermos melhor o processo de construção de uma linguagem que corrobora a existência de novas formas de ler, escrever e interagir.

1. CULTURA E INTERNET

Quando se pretende classificar a arte, é comum que busquemos compreender não somente o período em que tal movimento artístico se destaca, mas também as diferenças e semelhanças da base estrutural dos artistas que se inserem em determinado período. Analisamos o contexto cultural no qual desenvolveram seus trabalhos, os valores estéticos, a técnica, os fatos históricos mais relevantes da época, os artistas que por um traço ou outro os influenciaram e assim por diante.

A partir daí, a obra (ou o conjunto da obra) deste artista passa a ser rotulada e incluída em determinado grupo, passando a ser definida pelas características que o colocam no mesmo patamar de seus pares. Apesar das classificações serem por muitas vezes genéricas, são também restritivas quando tentam encaixar artistas que produzem trabalhos distintos em um único movimento, quase num processo de diminuição da função da arte enquanto forma de expressão livre a fim de atender critérios estritamente burocráticos, pedagógicos e didáticos.

Da mesma forma a cultura e seus múltiplos significados variam de acordo com aspectos que vão desde o contexto histórico, passando pelas transformações sociais e políticas de cada período, até as manifestações populares acarretadas a partir de processos mais atuais, como a globalização, que interfere diretamente no modo como a literatura é produzida e consumida atualmente.

A infinidade de formas possíveis para classificar a cultura talvez seja o principal problema na hora de definir seu conceito. Popular, erudita, pop, marginal, de massa, tradicional, entre outras, a cultura não tem significado único, nem apenas uma maneira de expressão. Entretanto, é preciso admitir que a cultura está presente na humanidade desde o começo de sua existência e, mesmo com o avanço da globalização, não há como citar um campo de estudo – em ciências sociais ou não – em que não esteja a cultura.

Um dos caminhos possíveis é voltar ao estudo das formas simbólicas e à concepção estrutural de cultura, proposta por John B. Thompson (2000, p.181). Para ele, a cultura não é apenas um conjunto de fatos sociais e concretos, mas um aglomerado de situações, processos históricos, manifestações verbais e simbólicas,

textos e falas. Antes de dar enfoque à concepção estrutural, Thompson define como clássico o conceito de cultura que se refere a um desenvolvimento intelectual ou espiritual, que leva ao processo de civilização de um determinado povo, mas cita também o conjunto de crenças, valores, costumes, convenções, hábitos e práticas para conceituar a concepção descritiva do termo.

Do latim *cultura*, até seu próprio significado *lato sensu* possui diversas formas de interpretação, da antropologia à agricultura, passando pela filosofia, religião e ciências sociais. Não é à toa que a palavra agricultura figura entre as primeiras definições, já que em seu sentido original, cultura nada mais é que cultivo ou cuidado de alguma coisa. Do cultivo do grão, tal sentido foi estendido para a esfera humana, passando a ser o cultivo da mente. Mais tarde, em meados dos séculos XVIII e XIX, cultura foi restringida à civilização, mas posteriormente foi progressivamente sendo usada para descrever os processos do ser humano em se tornar culto ou civilizado.

A partir daí, vários sentidos foram sendo empregados na Europa, causando polêmicas em alguns lugares, suscitando discussões em outros até que Thompson repensa a cultura como concepção estrutural, cujos aspectos das formas simbólicas anteriormente afirmadas são: Intencional, a partir da intenção do produtor em expressar/produzir algo; Convencional, dada por pactos sociais e culturais (idioma, gestos, formas, cores); Estrutural, com sua estrutura interna de construção e desconstrução a fim de dar sentido; Referencial, que neste caso é referente a algo externo à concepção; e Contextual, em que o contexto social é bem mais amplo.

Entender estes aspectos é importante quando pretendemos pensar na cultura e mais especificamente a literatura, como forma de transformação social, por meio da conscientização do ser humano como agente produtor e reproduzidor dentro de uma sociedade.

Stuart Hall (2003) diz que não existe uma cultura popular íntegra, autêntica e anônima, situada fora do campo de força das relações de poder e de dominação cultural. Ele considera populares as formas e atividades cujas raízes se situam nas condições sociais e materiais de classes específicas. Entretanto o essencial nesta definição são as relações que colocam a cultura popular em uma tensão contínua de

relacionamentos, influências e antagonismos com a cultura dominante. O que realmente importa são as relações culturais, não os objetos culturais.

Na literatura, especificamente, a definição do termo e a discussão sobre os chamados gêneros literários é recorrente, uma vez que a tendência estabelecida é enquadrá-la, quanto à forma, em apenas dois tipos: verso e prosa. Sobre sua estrutura as obras são divididas em três grandes gêneros (lírico, dramático e épico). Destes gêneros, subdividem-se as inúmeras modalidades de cada gênero, classificadas, assim como na arte em geral, de acordo com suas características em comum.

Considerada uma das mais antigas da teoria literária, a questão dos gêneros continua sendo complexa e empenha o interesse de estudiosos que insistem na busca de uma conceituação. Em meio a divergências, o assunto atravessa toda a história da literatura e da crítica, assumindo acomodações de fidelidade a preceitos estáticos ou desencadeando inovações.

Segundo Helena Parente Cunha (1979), o primeiro a tomar consciência dos gêneros literários foi Platão, mas cabe a Aristóteles o lançamento de suas bases fundamentais na *Poética*, que se inicia com a intenção de abordar a produção poética e os seus diversos gêneros, classificando as obras segundo elementos formais e de conteúdo. Assim, o gênero literário pressupõe uma classificação de obras consignadas por características afins.

Enquanto a *Poética* de Aristóteles ainda é ponto de partida para se pensar a questão dos gêneros literários (CUNHA, 1979), durante séculos suscita interpretações que variam de acordo com o aparecimento de novos modelos literários e segundo a evolução do conceito de literatura. Cunha afirma que na Idade Média não houve sistematização rigorosa sobre os problemas literários, a não ser tratados de poética trovadoresca, mas sem vinculações com a doutrina dos antigos. A autora afirma que no renascimento, graças à sedução exercida pela arte greco-latina, a *Poética* de Aristóteles e a *Epístola aos Pisões* de Horácio promoveram inúmeras discussões do maior interesse para o novo espírito crítico que despontava. A questão dos gêneros narrativos, então, tornou-se o ponto central da interpretação do fenômeno literário.

Os gêneros textuais são de difícil classificação, porque sempre estão numa constante tensão entre estabilidade e instabilidade, esta afirmação vale tanto para os

textos encontrados na internet, como para os textos impressos. Alguns teóricos se aventuraram construir classificações ou agrupamentos dos gêneros que circulam nos mais diversos meios de produção textual.

A pergunta que fica é o que podemos fazer diante de um objeto de estudo que é fluido e não se amolda às teorizações e classificações? A grande diversidade de gêneros, que foram produzidos desde a Grécia antiga até o momento em que vivemos, foi estudada, com o intuito de delimitação de fronteiras entre eles, produzindo possibilidades de classificação, que sempre esbarram no caráter fluido dos gêneros. Por isso, essas classificações sempre são divergentes, não podendo ser um modelo ou referência para uma definição que dê conta de descrever de modo mais claro e definitivo o que venha a ser cada um dos gêneros existentes.

Uma possibilidade é pensarmos no caráter histórico de cada produção textual. Podemos usar a distinção feita por Bakhtin (1992, p. 281):

Não há razão para minimizar a extrema heterogeneidade dos gêneros do discurso e a conseqüente dificuldade quando se trata de definir o caráter genérico do enunciado. Importa, nesse ponto, levar em consideração a diferença essencial existente entre o gênero do discurso *primário* (simples) e o gênero de discurso *secundário* (complexo). Os gêneros secundários do discurso – o romance, o teatro, o discurso científico, o discurso ideológico, etc. – aparecem em circunstâncias de uma comunicação cultural, mais complexa e relativamente mais evoluída, principalmente escrita: artística, científica e sociopolítica. Durante o processo de sua formação, esses gêneros secundários absorvem e transmutam os gêneros primários (simples) de todas as espécies, que construíram em circunstâncias de uma comunicação verbal espontânea. Os gêneros primários, ao se tornarem componentes dos gêneros secundários, transformam-se dentro destes e adquirem uma característica particular: perdem sua relação imediata com a realidade existente e com a realidade dos enunciados alheios – por exemplo, inseridas no romance, a réplica do diálogo ou a carta, conservando sua forma e seu significado cotidiano apenas no plano do conteúdo do romance, só se integram à realidade existente através do romance considerado como um todo, ou seja, do romance concebido como fenômeno da vida literário-artística e não da vida cotidiana. O romance em seu todo é um enunciado, da mesma forma que a réplica do diálogo cotidiano ou a carta pessoal (são fenômenos da mesma natureza); o que diferencia o romance é ser um enunciado secundário (complexo).
(Grifos do autor)

Embora essas categorias sejam amplas e genéricas, pensamos ser possível utilizá-las para descrever os blogs e as revistas literárias encontradas na internet. A distinção feita por Bakhtin dá conta da permanente instabilidade presente nos textos virtuais, além de apontar para o fato de que, antes de tudo, todo texto pode ser descrito

como um enunciado, seja simples ou complexo, que ocupa um lugar discursivo em constante alteração, seja pela interação com o leitor, cuja leitura o atualiza, seja pela própria reelaboração ou mudança do conteúdo material do enunciado (quando se faz a atualização do texto da internet, por exemplo).

O blog tem algumas características do diário pessoal (na maior parte dos casos não é um diário literário), sobretudo no que diz respeito à autoria e a cronologia. Sobre as diferenças existentes entre o diário pessoal e o literário, vale a pena fazer algumas considerações.

Considerando o enunciado como um componente do acontecimento do mundo, podemos dizer que ele não só determina o conteúdo, como a melhor forma do autor mostrar o seu olhar crítico suas experiências vivenciais. Embora este olhar se manifeste, muitas vezes, de forma não-sistematizada, ele já mostra um nível de distanciamento entre o eu e o outro, como observa Cavaliere (1996, p. 29)

No diário literário a forma é fictícia, porque existe aí a intenção do autor de publicá-lo. Estes aforismos ou coletas de pensamentos servem para fixar as observações, os pensamentos, as intuições, as sensações e as emoções (certamente numa forma imediata, talvez pouco sistemática e muitas vezes aparentemente pouco literária), que, não obstante, são a base do diário e das publicações autobiográficas.

O autor, neste caso torna-se personagem de si mesmo, sem privar-se desse contato com o conflito gerado pelas emoções. Ou seja, como comenta Bakhtin (1992, p. 29): “(...) o autor e o herói não aparecem como componentes do todo artístico, mas como componentes da unidade transliteraria constituída pela vida psicológica e social.”

Na maioria dos blogs o que predomina são marcas que evidenciam a quase inexistência de uma delimitação temporal, inserindo-se num contínuo presente, sem que sejam estabelecidas hierarquias de pensamento, já que geralmente os escritores blogueiros escrevem para si mesmos e para seus leitores, ou seja, na grande maioria das vezes sem o intermédio de uma editora, numa espetacularização virtual da experiência, não havendo a clara delimitação entre o eu e o outro, que se dilui na rapidez com que as informações que passam diante de nossos olhos. Como comenta Alckimar Luiz dos Santos (2003, p. 41):

Essas ilusões todas que afetam e transformam a presença do sujeito diante do ciberespaço não são outra coisa senão um possível predomínio dos simulacros de que fala insistentemente Jean Baudrillard. Eles aparecem, por exemplo, nas erudições de puro exibicionismo, que permitem que algumas pessoas se comprazam em multiplicar referências inesperadas e obscuras, impossíveis de serem retomadas, reencontradas ou mesmo utilizadas sem ser por meio de sua orientação privilegiada e de sua posição de saber pretensamente eruditos. E, quando se armam de informações a mancheias, multiplicam referências cruzadas e arquetam complexas figuras de percursos cognitivos, eles não fazem, na verdade, mais do que produzir a hiperinflação informativa que já comentei.

Chartier (2002) afirma que a técnica de escrita digital, surgida no século XX, torna os textos móveis, maleáveis, abertos e flexíveis. A tela do computador como suporte de escrita redefine o papel do escritor e a relação deste com o texto, assim como a relação do escritor com o leitor.

A revolução do nosso presente é mais importante do que a de Gutenberg. Ela não somente modifica a técnica de reprodução do texto, mas também as estruturas e as próprias formas do suporte que o comunica aos seus leitores.²

À medida que se desenvolvem os meios de comunicação eletrônicos, a internet torna-se cada vez mais uma complexa plataforma sobre a qual repousam múltiplas vias de possibilidades comunicativas. Tais vias permitem uma capacidade de avanços tecnológicos que, ao conectar todo o sistema de comunicação, possibilita a constituição de grandes bancos de dados e de informação.

Esta grande rede, então, promove uma leitura não-linear das informações veiculadas, uma vez que permite ao leitor em tela, uma interconexão mais rápida em relação ao texto no papel entre diversas redes associativas, por meio do hipertexto, um sistema de links sustentando por uma série de regras da linguagem digital que permite o trânsito livre entre um texto e outro com um simples clique. Podendo ser sequencial ou não, a navegação em textos online proporciona fácil interação à medida que possibilita uma resposta imediata do leitor por meio de comentários (quando disponibilizado este espaço), muitas vezes transformando o leitor em um editor daquilo que lê, como é o caso da enciclopédia digital Wikipedia. Sendo assim, a não-linearidade³ dos sistemas hipermediáticos e a possibilidade de interação oferece

² Chartier, 1998, p.97.

³ LEÃO, Lúcia. *O labirinto da hipermídia: arquitetura e navegação no ciberespaço*. São Paulo: Iluminuras, 1999.

suporte maleável e multidimensional diferente para exprimir o pensamento em sua complexidade do que os meios de que dispúnhamos anteriormente: a oralidade e a escrita (LEÃO, 1999, p. 65).

Esta característica hipertextual da rede não possibilita, necessariamente, uma expressão melhor do pensamento, mas simula um outro modo de pensar tal qual os meios disponibilizados anteriormente não implicam apenas em oralidade e escrita. Há também a linguagem não-verbal, como na música, na pintura, na arquitetura, e todas as formas de expressão. Entretanto, há uma tentativa bem próxima de reproduzir simbolicamente a estrutura suposta do pensamento, mas não existe a libertação da lógica intrínseca ao modo de pensar que a linguagem – escrita, oral ou qualquer outra – exige.

Rodrigues (1980, p. 25) classifica os processos históricos da comunicação da seguinte forma: a) nomadismo e texto oral, em que a forma oral e os grafismos são as principais formas de expressão, tendendo a reproduzir uma visão de mundo; b) texto escrito e sedentarização, quando surge a fonetização do grafismo e os registros gráficos passam a significar formas de expressão oral; c) texto impresso e capitalismo, em que acontece a difusão massiva do texto, já que a burguesia passa a reproduzir textos em grande quantidade e de forma impressa; d) texto de massa e monopolização do capitalismo, onde a ideia de comunicação se aproxima à da informação, sendo que o contexto de massificação do texto reproduzido mecanicamente é articulado com o desenvolvimento monopolista do capitalismo.

A exemplo de outras linguagens artísticas, a literatura apropria-se do ciberespaço para sua divulgação, uma vez que a quantidade de livros disponibilizados para download e o surgimento de novas revistas digitais e blogs com textos literários de poesia e prosa, corrobora o surgimento de novas formas de ler, escrever e interagir. Tais formas, dinamizadas em decorrência de um meio que permite fácil publicação, tornam possível ainda a mescla de recursos midiáticos/multimídia (textos, som, vídeo, imagem) a um custo muito inferior ao tradicional.

A questão da apropriação do suporte multimídia na sociedade da informação e das possibilidades de construção do novo não demonstra apenas a junção do texto escrito, imagens, vídeos e áudio, e sim uma forma de percepção constituída pela

combinação de todos estes itens. Diferentemente da televisão ou do rádio, a linguagem multimídia (OLIVEIRA, 2003) ocorre em um suporte tecnológico caracterizado pela interatividade e constituição de relacionamentos em redes. Aqui é importante lembrar que não apenas as redes se relacionam e sim, as pessoas, assim como numa conversa ao telefone, quem se relaciona são as pessoas e não os pontos da telefonia. Além disso, nessa 'mídia digital' os consumidores são também produtores e o tempo de produção pode ser instantâneo ao do consumo, principalmente na internet.

Entretanto, ao transformar estes consumidores em produtores, acontece uma redução do capital necessário para a produção da mensagem massiva e, conseqüentemente, um acesso maior do conjunto de pessoas ao circuito de produção destas mensagens. Oliveira (2003) apresenta quatro aspectos tidos como contradições na sociedade da informação: a) dispersão e efemeridade geradas a partir do excesso de informações, uma vez que é difícil ao consumidor absorver de maneira profunda o que recebe, valorizando apenas os aspectos principais da informação; b) possibilidades de participação maior no circuito de produção de informação a partir das novas características dos suportes tecnológicos midiáticos, devido à facilidade dada ao consumidor de produzir e trocar informações baseada no avanço e aperfeiçoamento constante das novas tecnologias de mídia que permitem a ele interagir; c) possibilidades de constituição de redes de solidariedade e identidade sem fronteiras e controles, uma vez que o consumidor - na internet, por exemplo - procura outros consumidores que têm os mesmos ou parecidos gostos e interesses, formando assim, webcomunidades que os unem, independentemente de espaços geográficos e d) tendências a gerar comportamentos esquizoides ou substituir as relações pessoais-físicas pelas relações virtuais, pois o "existir virtualmente" possibilita ao consumidor criar uma vitrine muitas vezes falsa daquilo que realmente é, já que é possível o anonimato. Além disso, a relação virtual tende a ser mais cômoda que a física.

Tais experiências acontecem dentro de um ambiente marcado pela emergência da linguagem multimídia e propõe uma questão atual para a ciência da comunicação e conseqüentemente de qualquer tipo de linguagem: a construção de teorias que deem conta destas novas contradições apresentadas na nova realidade da informação. Por isso, uma das perguntas principais que surgem é se a partir das mudanças na literatura

acarretadas pelo avanço das tecnologias de informação e produção midiática existe uma literatura de internet. A professora e pesquisadora Heloísa Buarque de Hollanda sugere que a literatura não muda, mas reconhece que surgiram novas práticas literárias:

Diante do assédio dos fluxos de informação e da popularização das tecnologias digitais, a resposta é atual desenvoltura da palavra que avança segura neste novo espaço público e sua disseminação geopolítica. Ela vem discreta como a mídia primeira dos blogs – pessoais e literários -, e logo se expande sem aviso prévio, por práticas literárias que inovam remixando linguagens, gêneros e suportes. (...). A palavra pirateada, *hackeada*, explorando as novas possibilidades tecnológicas dos *ipods* e *podcasts*, buscando a expressão visual, as formas dramatizadas, trabalhando fronteiras imprecisas, expandindo seu potencial de arte pública.⁴

Se existem novas tecnologias existem também novos autores e leitores, que mantêm vivo este ciclo. Estas novas práticas literárias nos conduzem a acreditar que a apropriação dos meios digitais pela literatura e tantas outras artes é um fenômeno em constante processo de transformação e sem uma conclusão precisa. Entretanto há alguns apontamentos que nos levam a acreditar em possíveis desdobramentos para um futuro, pelo menos há curto e médio prazo. Estes apontamentos serão abordados no decorrer deste trabalho.

⁴ HOLLANDA, Heloisa Buarque de. Disponível em <http://www.oinstituio.org.br/enter>

1.2. AS ORIGENS DA INTERNET

Caiu a internet.

Marina Rhinow, criança de 2 anos e 3 meses⁵

Antes de iniciar qualquer tipo de reflexão sobre os processos de transformação que o advento da internet proporcionou à literatura, é importante ressaltar alguns aspectos históricos.

Em 1819, o cientista dinamarquês Hans Christian Oersted descobre que uma agulha de bússola poderia ser afetada pela passagem da corrente elétrica em um fio. Era o primeiro passo para a invenção do telégrafo. Mal sabia que este era um dos primeiros passos em direção à criação da rede mundial de computadores.

Presente na vida de bilhões de pessoas (estima-se que o número de usuários chegue a 472 milhões no mundo// 2 bilhões e 21 milhões//83 milhões no Brasil), a internet teve início em meados dos anos 60. A Agência de Projetos e Pesquisas Avançadas (*Advanced Research Projects Agency - ARPA*) do Departamento de Defesa dos Estados Unidos da América contratou, em 1962, J. C. R. Licklider para comandar seus novos projetos de processamento de informações, processos comportamentais e controle.

Na prática, ele tinha de encontrar novas formas de uso do computador, que não fossem os cálculos numéricos. Licklider, que tinha formação acadêmica em Física, Matemática e Psicologia, era pesquisador do Instituto de Tecnologia de Massachussets (*Massachussets Institute of Technology - MIT*), mas havia trabalhado para a Força Aérea americana. No MIT, em tempos da Guerra Fria, desenvolveu um sistema de computação que criava defesa antiaérea contra bombardeios soviéticos.

Nesta época, o pesquisador entrou em contato com instituições que estivessem à frente da pesquisa computacional, e conseguiu parcerias com doze universidades, entre elas Stanford e Berkeley. Ao grupo, Licklider deu o nome de *Intergalactic Computer Network*, que, em junção com a Agência de Pesquisa, tornou-se a ARPANET.

⁵ <http://g1.globo.com/dia-das-criancas/2013/noticia/2013/10/caiu-internet-disse-crianca-quando-brinquedo-pilha-nao-funcionou.html>

A partir daí surgiram mais pesquisadores que passaram a estudar novas maneiras de usar a rede, como Leonard Kleinrock, do MIT, que publicou os primeiros artigos sobre a teoria das trocas por comutação de pacotes. Esta teoria consiste num sistema em que os dados, ao serem comunicados, são divididos em pequenas partes. Estas partes são identificadas de forma a mostrar de onde vieram e para onde devem ir. A confirmação de que Kleinrock estava certo veio anos mais tarde, quando foi constatado que o protocolo de comutação de pacotes da ARPANET, o *Network Control Protocol*, não era mais útil.

Em 1972, foi enviado o primeiro e-mail nos moldes que temos atualmente, com as funções “enviar” e “ler mensagem”. É neste ano também que acontece a primeira demonstração da nova tecnologia de rede para o público e desenvolvem-se mecanismos não só de envio e leitura de mensagens, mas de arquivamento, encaminhamento e resposta.

O processo de desenvolvimento dos sistemas não era tão rápido como hoje, mas crescia gradativamente. Até aquele período, a única maneira de agregar redes era por meio da tradicional troca de circuitos em que as redes se interconectavam, passando *bits* individuais entre duas localidades (ponta a ponta).

Esta forma ainda era limitada. Foi então que Bob Kahn desenvolveu a ideia de redes de arquitetura aberta. Denominado *Interneting*, o trabalho propunha criar uma rede na qual estariam conectados o maior número de computadores, e seria possível compartilhar mais informações. Com a arquitetura aberta, as redes individuais poderiam ser desenvolvidas e desenhadas separadamente, o que tornaria menos restritas as distâncias entre os computadores.

Entretanto, tal progresso não poderia acontecer usando o *Network Control Protocol*. Kahn passa a desenvolver outro tipo de protocolo e o chama de *Transmission Control Protocol/Internet Protocol*, o TCP/IP. Para ajudá-lo nesta nova etapa, Kahn convida Vinton Cerf, que cria uma estrutura de comunicação com dispositivos de conectividade para interligar vários computadores simultaneamente.

Estes dois autores publicam juntos *A Protocol for Packet Network Interconnection* (Um Protocolo de Interconexão para Pacotes de Rede). Os testes com o novo protocolo

foram realizados durante vários anos e somente em 1983 ocorreu a transição do NCP para o TCP/IP. Aliás, é neste ano que se comemora o nascimento oficial da internet.



No Brasil, as primeiras manifestações da internet apareceram um pouco mais tarde, em 1988, interconectando universidades e centros de pesquisa do Rio de Janeiro, Porto Alegre e São Paulo a instituições nos Estados Unidos da América. Foi num destes centros de pesquisa, a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) que o professor Oscar Sala, da USP, desenvolveu um projeto para estabelecer contato com instituições de outros países por meio da rede de computadores. Então, chegou ao país, a *Bitnet*, rede que conectava a Fapesp ao Laboratório de Física de Altas Energias de Chicago (*Fermilab*). Basicamente, eram realizadas trocas de arquivo, mas o acesso ainda era restrito a um grupo seletivo de pessoas.

Em 1989 é inaugurada pelo Ministério da Ciência e Tecnologia a Rede Nacional de Pesquisas (RNP) com o objetivo de interligar estas redes embrionárias. Um ano antes, o Instituto Brasileiro de Análises Econômicas e Sociais (Ibase) começou a testar o *AlterNex*, o primeiro serviço brasileiro de internet não-acadêmica e não-governamental, que só foi aberto ao acesso público em 1992.

Ainda em 1989, na Suíça, foi criado por Tim Berners-Lee o conceito de *world wide web* (www). A sigla nada mais é que um conjunto de documentos em formato de hipertexto, que possibilita ao usuário acessar de qualquer computador conectado à

rede, uma página na internet. Por isso, cada página, quando criada, é batizada com um nome, precedido da sigla *www* e terminando com outra sigla, o domínio, sendo que estes três elementos devem estar separados por pontos. Caso seja uma empresa comercial, o domínio é *com*. Para órgão do governo, usa-se *gov*. Há mais de 50 tipos de domínios, divididos entre entidades, pessoas físicas, profissionais liberais e universidades. No Brasil, são mais de 900 mil registros só pelo domínio *com*.

Em 1995, os Ministérios da Ciência e Tecnologia e das Comunicações criaram, por meio de Nota Conjunta, a figura do provedor de acesso privado à internet, dando preferência e até certa exclusividade às empresas comerciais. Desde então, a internet brasileira não deixou de ser aperfeiçoada. Surgiram os primeiros *sites*, que traziam propagandas comerciais, notícias e entretenimento.

Neste breve histórico sobre surgimento da internet percebe-se grande preocupação, por parte de seus desenvolvedores, com aspectos técnicos. Comutação de pacotes, *bits*, teoria das trocas. Tudo isso parece não ter importância nos dias de hoje, principalmente para quem usa a internet apenas como mais um meio de comunicação. E talvez não tenha mesmo, afinal de que importa saber quem foi Bob Kahn? No entanto, sua criação, o e-mail, é uma das mais significativas invenções na história da comunicação.

Pesquisa realizada pelo Comitê Gestor da Internet, órgão que coordena e integra iniciativas de internet no Brasil, em conjunto com o Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (Ibope), revela que, desde meados dos anos 90, a web brasileira tem mostrado acentuado crescimento, tanto no número de usuários como no leque de serviços e aplicações oferecidos por meio da rede. É flagrante o avanço de seu uso pela população brasileira: de 37 milhões de usuários, em 2005, passou a aproximadamente 65 milhões, em 2009. Em 2012 o número chegou a 83 milhões, segundo o Ibope Nielsen Online.

É difícil prever o futuro da rede. A cada dia novas tecnologias são desenvolvidas e mais pessoas passam a ter acesso à internet, mas para o pioneiro Vinton Cerf, criador do protocolo que mudou os rumos da interconexão, ainda há muito que se fazer. Ele trabalha desde 1998 no desenvolvimento da internet interplanetária, no laboratório da

Nasa. Cerf acredita que este novo projeto pode ajudar na descoberta de seres vivos em outros planetas.

Todo este avanço tecnológico trouxe consigo mudanças nas relações humanas. A internet tornou-se um grande ponto de encontro. Blogs, salas de bate-papo, fóruns de discussão, *sites* de relacionamentos ou programas de mensagens instantâneas, entre outras possibilidades, transformaram o modo de se comunicar. Não há como definir se as mudanças são positivas ou negativas, mesmo porque a ação comunicativa é um processo e no caso da internet chega a ser contraditório.

Ao mesmo tempo em que a rede agrupa pessoas, pode também aumentar a distância entre elas. As salas de bate-papo são um bom exemplo desta situação. Pessoas que não se conhecem entram na mesma sala e começam a conversar umas com as outras. Em determinado momento, a conversa tende a se limitar a um diálogo a dois. Depois disso, a troca de e-mails pessoais ou então do endereço do *MSN*⁶ para uma conversa particular. Este processo pode tornar-se um vício, fazendo com que a pessoa busque por meio do mundo virtual o que não consegue realizar no mundo real. Por outro lado, a internet tem uma grande capacidade de mobilização. Suponhamos que um usuário comece a participar de um fórum de discussão sobre um grupo de música qualquer. Com os outros membros, pergunta e responde questões inerentes àquele grupo, troca letras de música e experiências. Um deles tem a ideia de marcar encontro numa apresentação da banda para se conhecerem pessoalmente. Ao contrário do exemplo anterior, aqui a rede serviu para sair do mundo virtual em direção ao real.

Além da questão dos relacionamentos, a internet exerce influência sobre outras atividades, como ir ao banco ou ao supermercado. Em vez de enfrentar filas para pagar uma conta, o cliente pode acessar de sua casa o *site* da instituição e utilizar o serviço. Para que ir ao supermercado se pode fazer sua lista de compras e enviar via e-mail?

É notável, então, a colaboração que a rede mundial de computadores trouxe na troca de ideias, informações e cultura, não só pela rapidez com que estas trocas se realizam, mas pela quantidade de dados trocados. Se a distância que separa um

⁶ Nome popular do *Microsoft Network Messenger*, programa que consiste na troca de mensagens instantâneas da Microsoft.

continente de outros é de milhares de quilômetros, pela internet ela é minimizada ao simples clique de um *mouse* ou ao aperto de uma tecla. É a chamada esfera pública virtual.

1.2. A ESFERA PÚBLICA VIRTUAL

Somos apenas um grupo de pessoas na internet que precisa de um tipo de saída para fazermos o que quisermos, que não seríamos capazes de fazer numa sociedade normal.

Anonymous⁷

Em *Mudança Estrutural da Esfera Pública*, Jurgen Habermas (1984) classifica a esfera pública burguesa como um tipo de junção do público e do privado, ou seja, é um espaço público no qual pessoas privadas discutem entre si. A obra, referência para muitos estudiosos se aprofundarem na questão, narra o desenvolvimento de uma esfera pública burguesa e democrática nos séculos XVII e XVIII e seu declínio, no século XX. Fala também das diferentes esferas, como a política e a literária. Entretanto, nesta conjuntura, cabe a nós entender como a internet se encaixa no perfil de uma nova esfera, a virtual.

A esfera pública virtual – e aqui se incluem as telecomunicações em geral – não funciona como complementar a um espaço real de discussão e debate. Ela tem em si a possibilidade de criar produtores, emissores e receptores de informação, fazendo com que surjam vários outros espaços públicos. Com a globalização, novos processos tecnológicos começaram a surgir e novas perspectivas no campo da comunicação foram formadas. O advento da internet trouxe consigo a possibilidade de diminuir distâncias, conhecer pessoas e formar grupos. As famosas listas de discussão fazem parte desta nova possibilidade, assim como as comunidades virtuais, os *sites* de relacionamento e os blogs.

Fragmentada em representações, a esfera pública encontra-se restrita. Talvez fruto das transformações oriundas do processo de evolução pós-moderna, estas representações igualam-se àquelas do período da alta Idade Média, em que, na sociedade feudal, a esfera pública não era – pelo menos sociologicamente – separada da esfera pública privada, pois esta última servia aos interesses privados.

⁷ <http://www.anonymousbrasil.com/>

Daí, então, a necessidade de se criar microesferas públicas ou fragmentá-la como a esfera feminista, por exemplo, que tem como representante a pós-estruturalista Rita Felski, que “revisou” o conceito estabelecido por Habermas. Para ela “a esfera pública feminista (...) oferece uma crítica de valores culturais do ponto de vista de mulheres como um grupo marginalizado dentro da sociedade. Neste sentido, ela constitui um parcial ou parte da esfera pública” (1989, p. 167).

A internet, por meio de seus fóruns, pode agrupar fragmentações de uma macroesfera pública. Na prática é a possibilidade de a pessoa escolher sobre qual assunto discutir, escrever, ler e opinar deliberadamente sobre o tema. Assim, a pessoa interessada em cinema pode discutir apenas sobre cinema, num espaço público onde outras pessoas têm interesses em comum.

Com a popularização da internet e das novas tecnologias de informação, as artes passaram a apropriar-se de estruturas cada vez mais modernas e complexas, e em consequência disto, têm feito uso de redes sociais e comunidades virtuais, tanto na divulgação como em sua produção.

Comunidades virtuais, segundo Pierre Lévy, são aquelas

(...) construídas sobre as afinidades de interesses, de conhecimentos, sobre projetos mútuos, em um processo de cooperação ou de troca, independentemente das proximidades geográficas. Um grupo humano qualquer só se interessa em constituir-se como comunidade virtual para aproximar-se do ideal do coletivo inteligente, mais imaginativo, mais rápido, mais capaz de aprender e inventar do que um coletivo inteligentemente gerenciado. (LÉVY, 1999, p. 127)

Ainda segundo o autor, não é correto falar no impacto das Tecnologias de Informação sobre a sociedade ou cultura, uma vez que, sendo as técnicas um produto do ser humano, não são autônomas nem separadas da sociedade. “É impossível separar o humano do seu ambiente material” (1999, p. 22). Nesta linha de raciocínio, a produção, integração e utilização das tecnologias, em conjunto com a “emergência do ciberespaço”, abrem caminho para novas opções culturais, sendo aproveitadas (ou não) de forma diferente, não sendo determinantes, mas sim condicionantes e, simultaneamente, facilitadoras da evolução civilizacional.

O pesquisador mais atuante sobre o conceito de cibercultura ainda diz que a

“cibercultura expressa o aparecimento de um novo universo” globalizante, com manifestações culturais distintas das anteriores mas onde as mensagens se aproximam novamente dos contextos orais e, por isso, mais diretas e de mais fácil interpretação, embora a uma escala diferente e mais alargada, graças ao fenômeno do ciberespaço, que permite uma comunicação permanente entre os seres humanos, possibilitando assim a constante reinterpretação dessas mesmas mensagens. Lévy (1999, p. 17) define, assim, cibercultura como “o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço”.

Neste sentido, nota-se, sobretudo nos últimos quinze anos, o surgimento de verdadeiros nichos online de cultura. Assim podemos considerar os sites especializados em música, teatro, cinema, fotografia, pintura e diversas manifestações artísticas, incluindo o objeto de estudo deste trabalho, a literatura.

Para Edson Cruz:

Com o advento da linguagem digital, inesperadamente, a escrita impressa e a linguagem habitual do livro, a literária, feita de letras, sintaxe, sintagmas, morfologia e conotações ganhou em importância. Jovens educados e criados em um ambiente predominantemente visual, saturados de imagens e ícones da cultura contemporânea, começaram a se voltar para a linguagem escrita estimulados pelo correio eletrônico, MSNs e outros diálogos entre suas comunidades sociais⁸.

O Youtube⁹, por exemplo, é um site da Google que reúne vídeos dos mais diversos segmentos, classificados por temas e palavras-chave, que permite ao internauta divulgar material extraído de outros meios e até mesmo seu trabalho a partir de um cadastro básico. O mesmo acontece com o Myspace¹⁰, um serviço de rede social que utiliza a internet para comunicação por meio de um sistema interativo de fotos, blogs e perfis de usuário, na maioria músicos, que disponibiliza – e às vezes lança em primeira mão – mostras do seu trabalho. Também especializado em música, o LastFm¹¹ é um site com função de rádio online em que o usuário pode ouvir as músicas

⁸ <http://www.musarara.com.br/literatura-e-cultura-em-tempos-digitais>

⁹ <http://www.youtube.com>

¹⁰ <http://br.myspace.com>

¹¹ <http://www.lastfm.com.br>

que já estão em seu computador e obter acesso a perfis de outros usuários e assim, criar uma grande rede.

O maior site de relacionamento do mundo, o Facebook¹², fundado por Mark Zuckerberg e por seus colegas de quarto da faculdade Eduardo Saverin, Dustin Moskovitz e Chris Hughes, estudantes da Universidade de Harvard e que reúne mais de 1 bilhão de usuários, disponibiliza grupos dedicados a discussão sobre literatura, além das páginas específicas de escritores e ainda testes cujo enfoque é a literatura. Já o site que por cerca de cinco anos foi o maior com número de adeptos brasileiros, Orkut¹³, possui centenas de comunidades relacionadas ao tema. A comunidade “Literatura”, com mais de 100 mil membros, é a que agrega o maior número de tópicos a serem discutidos, Entre as comunidades de autores brasileiros com mais membros estão as dedicadas a Carlos Drummond de Andrade, com quase 270 mil pessoas, a Mário Quintana, com 183 mil e a Machado de Assis, com 97 mil.

De tempos em tempos, novidades tecnológicas na internet são lançadas, sobretudo aquelas em que é possível criar uma rede de amigos. Com o lançamento também de celulares cada vez mais cheios de funções que não apenas se comunicar pela fala, crescem também aplicativos que se tornam praticamente obrigatórios para aqueles que gostam de estar sempre acompanhando as novidades. Cada vez mais segmentados, os aplicativos oferecem a facilidade de compartilhamento com outros aplicativos, fazendo com que sejam criados novas comunidades virtuais, também divididas por interesse.

¹² <http://www.facebook.com>

¹³ <http://www.orkut.com>



Outro site que tem adquirido muitos adeptos da literatura é o Twitter¹⁴, uma rede social e servidor para microblog, que permite ao usuário publicar atualizações com no máximo 140 caracteres respondendo a pergunta: “O que você está fazendo?”. As postagens podem ser feitas no próprio site, via e-mail, torpedo de celular, mensageiro instantâneo e outros programas especializados. Esta, na verdade, era a proposta inicial do site. Hoje o twitter é mais veloz que blog, mais móbil, mais afeito a divulgação de novidades e informes, por isso o ganho no quesito de difusão publicitária – integrativo – mais dinâmico, interativo, de natureza mais efêmera ainda do que blogs. Criado nos Estados Unidos em 2006, não há estimativa fiel sobre a quantidade de usuários, mas fala-se em mais de 11 milhões, tendo aumentado em quase 500% em 2013, chamando atenção de grandes empresas publicitárias que viram no site uma forma de obter lucro.

¹⁴ <http://twitter.com>



Exemplo de autor que se utiliza do Twitter para divulgar seu livro.

Por se tratar de um site que valoriza essencialmente a palavra, muitos escritores têm feito uso do site para exercerem seu trabalho. Alguns deles, como o pernambucano Marcelino Freire¹⁵ chegou a lançar uma série de microcontos – ou contos nanicos, como denominou – que escreve quase que diariamente, respeitando o limite máximo de caracteres por post. Já houve inclusive um concurso de microcontos via Twitter, cujos textos podem ter conteúdo livre, desde que comecem e encerrem uma ideia e sejam capazes de expressá-la de forma literária, a exemplo do que acontece no Japão com os *keitai shosetsu* (romance de celular) em que pequenos trechos de romance ou contos

¹⁵ <http://eraodito.blogspot.com>

são enviados para o celular.

A literatura contemporânea também tem feito uso da internet, mais especificamente dos blogs, revistas digitais (produção literária e crítica) e e-books para promover ao leitor do século XXI não apenas o acesso à literatura, mas também mais proximidade com o escritor. Por dificuldades financeiras, crise do mercado editorial, falta de políticas públicas que favoreçam os escritores novos, fusões ou outros motivos, alguns profissionais optam ou veem na internet o primeiro passo para publicação.

É um novo mecanismo de difusão e que termina por impor e alterar a própria estrutura clássica do texto, da mesma forma que um filme feito para televisão é distinto de um feito para cinema, de uma notícia de jornal se distingue de um livro-reportagem. Por meio das ferramentas da esfera pública¹⁶ virtual (grupos de discussão, e-mail, sessões de bate-papo on-line, conferências, mecanismos de busca, banco de dados, blogs) são facultadas ao escritor novas possibilidades, tais como distribuição gratuita, muitas vezes irrestrita, de informação e divulgação de textos publicados e não publicados no papel.

¹⁶ HABERMAS, 1984, p. 42

2. A QUESTÃO DOS BLOGS E OS BLOGS LITERÁRIOS

De junho de 1993 a junho de 1996, segundo Artur Vasconcelos Araújo, mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo, o *National Center for Supercomputer Applications* (NCSA) da Universidade de Illinois, nos EUA, onde foi desenvolvido também o primeiro *browser* para internet, manteve uma página chamada *What's New*, semelhante ao modelo de Tim Berners-Lee.

De acordo com Araújo, apenas em 1995 é que surge no Brasil aquele que é considerado o primeiro blog brasileiro, o *Blue Bus*¹⁷, cujo nome evoca o de um projeto editorial on-line norte-americano.

A página de hipertexto está vinculada à ideia de blog por apresentar arquivos de texto em ordem cronológica reversa, ou seja, do mais recente para o mais antigo, mais uma das características da ferramenta. E é aí que entra Jorn Barger e o termo *weblog*, criado por ele para denominar seu *site*, *Robot Wisdom Weblog*¹⁸, uma *home page* caracterizada por uma coleção de comentários com *links* para outras páginas da internet. Seu *site* foi um importante agente de disseminação do conceito, mesmo antes da criação de ferramentas de edição de hipertexto, que redefiniram a palavra blog.

Logo se popularizaram os sites e as páginas pessoais, os blogs (do inglês *blog*, abreviação de *weblog*: *web* = rede, *log* = diário de bordo). Trata-se de um diário on-line, no qual atualmente são redigidos textos (posts) e podem ser agregados vídeos, fotos, sons e diversos outros utilitários.

Apesar das controvérsias, credita-se ao estadunidense Jorn Barger a criação do primeiro blog, em 1992. Para o fundador e diretor-executivo da empresa *UserLand Software*, Dave Winer, a primeira manifestação de blog veio justamente com a primeira página produzida no formato *html*, em 1992, produzida pelo criador da *world wide web*, Tim Berners-Lee, no Centro Europeu de Pesquisa Nuclear (*Centre Européen de Recherche Nucléaire*). Isso porque tal página possuía *links* e comentários.

Atualmente há vários serviços gratuitos que disponibilizam as ferramentas básicas para criar este tipo de páginas, mas foi em julho de 1999 que a empresa Pitas,

¹⁷ www.bluebus.com.br.

¹⁸ www.robotwisdom.com.

de Andrew Smales, começou seu serviço de criação de blogs. Outras empresas como a Pyra e a Groksoup lançaram serviços semelhantes e, desde então, estes e outros sites só fizeram aumentar a proliferação de blogs pelo mundo. No mesmo ano a Pyra lançou o Blogger, uma ferramenta de blogs que facilitou a tarefa de publicar postagens diárias. Com o surgimento dessas ferramentas mais simples de publicação de blogs, tornou-se mais fácil ao usuário pouco habilitado a publicar na Web, já que antes era restrita àquelas pessoas que soubessem programação em html e qualquer um com acesso a um computador passou a ter a oportunidade de postar seus textos em blogs.

Se antigamente alguns escritores brasileiros começaram suas carreiras escrevendo em periódicos, como cronistas, contistas ou mesmo como repórteres, muitos nomes desta nova produção literária vêm dos blogs.

Ao contrário de um diário pessoal e restrito, o blog é por natureza um instrumento de comunicação, de difusão de uma experiência subjetiva, cronologicamente demarcada. Quase como um espaço de crônica pessoal, com o passar do tempo, o sentido do termo foi ampliado porque o próprio blog adquiriu uma linguagem fundamentada no poder de propagação de texto. Por isso, rapidamente foi apropriado por uma gama de escritores e assume papel importante no processo de organização de uma esfera pública virtual, de ordem política, social e cultural.

Emílio Fraia¹⁹ e Vanessa Bárbara²⁰ escreveram juntos *O Verão de Chibo*, publicado em 2008. O processo, inspirado na obra de Bustos Domecq – personagem criado pelos escritores argentinos Jorge Luis Borges e Adolfo Bioy Casares que escreveram quatro livros juntos - durou dois anos e consistia em criar um texto e enviá-lo por e-mail ao companheiro. Quem recebia tinha liberdade de acrescentar, exterminar ou até mesmo reescrever o texto, que mandava de volta ao parceiro até construir um romance.

Outro exemplo é o projeto Amores Expressos²¹, iniciado em 2007, em que dezesseis escritores brasileiros tiveram de passar um mês em alguma cidade do mundo, sob a incumbência de voltarem com um romance de amor a ser publicado pela editora Companhia das Letras. Além da ideia do livro se transformar em filme, os

¹⁹ <http://www.givago.com>

²⁰ <http://www.hortifruti.org>

²¹ <http://www.amoresexpressos.com.br>

organizadores, Rodrigo Teixeira e João Paulo Cuenca, criaram um blog para cada autor que, no período em que estivesse fora, deveria atualizar com textos sobre o processo de criação.

No período da viagem os autores tiveram tempo de conhecer as especificidades das metrópoles e, sobretudo, extrair experiências que pudessem proporcionar a escrita de uma obra literária, tendo a cidade como cenário e inspiração para suas narrativas. O projeto multimídia gerou discussões calorosas mesmo antes de seu lançamento oficial. A princípio, seria financiado por meio de recursos públicos (Lei Rouanet), mas durante o processo Rodrigo preferiu pedir o arquivamento do projeto. O custo da audaciosa empreitada, cerca de R\$ 1,1 milhão, foi então captado pelo próprio produtor e teve apoio da editora Companhia das Letras, que detém os direitos de publicação.

A polêmica se deu pelo menos por três motivos. O primeiro - e que gerou o maior número de burburinhos entre a classe literária - foi o valor orçado para o projeto. Enquanto muitos achavam uma ideia maravilhosa, alguns escritores, jornalistas e blogueiros publicaram cartas, réplicas e tréplicas sobre o assunto, alegando ser absurdo e desnecessário tamanho investimento. Além disso, foi pauta para discussão a escolha das cidades e dos escritores selecionados.

Se por um lado todo aquele alvoroço em torno do assunto causou certo desconforto, serviu também para que se levantasse um debate sobre a questão das leis de incentivo à produção literária. Nos últimos dez anos, mais de doze mil projetos para edição de livros foram encaminhados ao Ministério da Cultura, sendo que quase dez mil foram aprovados. A existência ou não de escritores ficcionistas que recebem incentivos fiscais está relacionada com a aprovação de respectivos projetos, quer sejam propostos por pessoas físicas ou pessoas jurídicas que apresentem em seus estatutos finalidade cultural. Mas, além da aprovação, é necessária a captação de verba para produção, o que acaba adiando e muitas vezes inviabilizando a continuidade do processo.

Quase como um espaço de crônica pessoal, com o passar do tempo, o sentido do termo foi ampliado porque o próprio blog adquiriu uma linguagem fundamentada no poder independente de propagação de texto. Por isso, rapidamente foi apropriado por uma gama de escritores, principalmente os jovens, com domínio do meio tecnológico da internet, que assume papel importante no processo de organização de uma esfera

pública virtual, de ordem política, social e cultural.

Apesar de alguns dos blogs do projeto não permitirem comentários, o simples fato de sua existência como um diário de bordo abre espaço para discussões de como se dá a comunicação entre autor e leitor numa época em que a tecnologia e meios eletrônicos imperam nas relações humanas.

O fato de abrir um espaço na internet, propenso a críticas, sugestões e compartilhamento de ideias proporciona uma nova forma de ler, à medida que amplia as possibilidades do leitor a em relação à leitura no papel e faculta a possibilidade de comentar e assim, interferir no texto ainda em processo de criação. Com isso, não queremos dizer que a leitura em papel é passiva, uma vez que nada impede a passagem de uma página para outra mais à frente ou que volte ao começo ou ainda que leia os capítulos finais. Entretanto, na leitura online, este processo está mais claro, inclusive esperado pelos leitores, que têm inúmeras possibilidades no ato de ler, que mesmo sugerido pelo autor ou criador de algum site, é mais livre.

A dinâmica na web é fascinante, exatamente porque consegue abrigar e potencializar um sem número de práticas literárias diversificadas, incluindo-se aí a literatura, como é tradicionalmente definida com seus critérios de valores, qualidade, permanência e fundada na legitimidade da função autor. Esta literatura também circula livremente na rede e beneficia-se de uma visibilidade e facilidade de acesso só permitida pela natureza relativamente aberta e descentralizada da web²²

Primo (2000) comenta que, no atual estágio da evolução tecnológica a interação mútua pode se estabelecer em ambientes informáticos enquanto o computador serve de *meio* de comunicação. O computador como interagente ativo e criativo, com percepções e interpretações verdadeiramente contextualizadas e inteligentes, ainda é um projeto do campo de pesquisa da inteligência artificial. Mas para o ainda parece haver uma grande distância temporal e a necessidade de uma soma muito grande de esforços até que isso se torne realidade. Por enquanto, o que se estabelece na relação homem/máquina é uma interação de tipo reativa.

Ora, existe um grande entusiasmo com essa área. Porém, muitos sistemas desenvolvidos acabam em última instância ainda presos a relações definidas de

²² HOLLANDA, Heloisa Buarque de. Disponível em <http://www.oainstituto.org.br/enter>

estímulo e resposta. Ainda que as possibilidades de cruzamentos de informações sejam praticamente infinitas, elas ainda são guiadas por regras e valores bem determinados. Nesse sentido, ainda que boas simulações possam ser geradas, ainda se presenciaria uma forma de interatividade reativa. Porém, com o avanço da área, pode-se tal- vez pensar em um subtipo, intermediário e de transição: uma *interação pseudomútua*.

Esses apontamentos podem mostrar que os comentários são elementos significativos da cultura dos blogs na relação escritor-leitor, e que são, se não essenciais, muito importantes como ferramentas que dinamizam a relação autor/leitor e são fundamentais como ferramentas de interação, alterando, inclusive o trabalho do escritor, à medida que havia uma outra dinâmica na construção de um texto literário.

Chartier (2002) considera a revolução eletrônica como uma revolução original da escrita e da leitura. Para ele, a originalidade da revolução do texto eletrônico apoia-se no fato de obrigar os escritores e os leitores contemporâneos a abandonarem todas ou grande parte das heranças deixadas pelo rolo e pelo códice.

Souza afirma que os blogs denominados literários ou sobre literatura, na blogosfera, são aqueles que, em sua maioria, trazem artigos de opinião e/ou indicação sobre livros, transcrevem trechos de determinadas obras e os associam a diversos links do ciberespaço, apresentam críticas sobre livros e autores, disponibilizam *e-books* para downloads gratuitos ou pagos, além de dicas de uso da língua para a composição de textos.

Os mais ousados publicam hipertextos originais que trazem crônicas, contos e poesias, ou um misto de tudo isso em um híbrido de linguagens: escrita, sonora, visual, etc. A cada dia, aumenta o número de blogueiros profissionais, semiprofissionais e amadores que estão criando novas experiências de mídia e de práticas literárias, produzindo maneiras diferenciadas de demonstrar subjetividade, redesenhando limites que antes pareciam bastante nítidos, tais como o público e o privado, o íntimo e o social.

Vejam os exemplos da escritora carioca Ana Paula Maia²³, que é autora daquele que é considerado o primeiro romance escrito e lançado num blog, antes de sua publicação impressa, o livro *Entre Rinhas de Cachorro e Porcos Abatidos*. O trabalho do autor, mesmo que seja apenas um esboço publicado na internet pode tornar-se um texto original, passível de interação e, conseqüentemente, de transformação porque

²³ <http://www.killing-travis.blogspot.com>

pode ser alterado de acordo com a recepção. No caso de Ana Paula Maia, o livro, quando publicado em papel teve um final diferente daquele no blog.

Historicamente, o escritor escrevia e colocava seus originais numa gaveta e ia à cata de um professor ou escritor mais velho e já reconhecido para ajudá-lo a encaminhar seu texto para edição, ou seja, para torná-lo público. Segundo Heloísa Buarque de Hollanda²⁴ este mecanismo de guardar e ser "ajudado" é milenar. Tem traços como a "preservação segura da autoria e do patrimônio (guardar) e depois a garantia quase patriarcal de pertencer a uma família literária (que não é a sua), assim ele vem a público seguro e protegido". Atualmente os autores postam seus trabalhos simultaneamente ao gesto de criação (ou quase) e fazendo isso, eles sabem que o trabalho está aberto, de certa forma "encena" um autor-personagem, como propõe Heloísa Buarque de Hollanda, com efeitos verificáveis em seu texto, um personagem cujo texto postado em blog dialoga com o leitor, fazendo de si matéria da literatura, e cria uma rede geracional de debate e troca mais eficaz e dinâmica do que a antiga "vida literária" do século XIX, que tanto fez pela consolidação da nossa literatura.

O blog é essencialmente autoral, ou seja, não há necessidade de um editor ou intermediário para que o conteúdo criado seja autorizado a ser publicado, daí o uso da primeira pessoa, a fragmentação do texto separado por datas de postagem, a multiplicidade de referências e links para outras páginas e outros blogs, a intertextualidade, a metalinguagem, elementos tão em voga na literatura contemporânea. Essas mudanças estruturais na autoria (intrínseca a uma autoria compartilhada) e no processo de divulgação e consumo da obra literária certamente estão definindo novas e irreversíveis formas de práticas literárias.

O autor, à medida que provoca o contato com o leitor, seja participando da mesma rede social como o Twitter ou de comunidades virtuais em sites de relacionamento como o Orkut ou Facebook e, principalmente por seus blogs, torna-se, além de produtor, divulgador de seu trabalho artístico na rede. Neste sentido, temos o computador como um extensor da capacidade humana de produzir linguagem e não apenas como mais um suporte.

²⁴ Entrevista concedida por e-mail em Maio de 2009

3. ESTA TAL WEBLITERATURA



Para chegar à questão dos sites e revistas literárias online, optamos por abordar neste capítulo primeiramente as revistas literárias impressas, as quais acreditamos serem as percussoras dos blogs que escrevem literatura ou sobre literatura e a questão do suporte. A comparação é de livre analogia, porém baseada no processo de análise e observação, em que percebemos a transformação, inclusive estética destes dois suportes. Durante quase um século centenas de revistas literárias surgiram no Brasil e a maioria teve um período de vida muito curto, algumas delas não passando do primeiro número, outras sobrevivendo por no máximo um ano. Tão relevantes quanto as próprias obras literárias, as revistas tiveram (e têm) objetivos diferentes entre si. Enquanto algumas acabaram se tornando um espaço para crítica literária outras optaram por serem mais um espaço de publicação, tanto de prosa como de poesia, servindo até como um outro suporte, mas muito parecido com um livro.

Dentre as peculiaridades da literatura contemporânea brasileira, Beatriz Resende (2008, p. 135) aponta o fenômeno que chama, partindo de outras percepções estéticas e produções artísticas, de ruptura com o suporte. Assim como nas artes plásticas, a ruptura – e aqui ruptura não significa total desprezo pelos suportes utilizados anteriormente – já se deu há muito tempo com o suporte tela, papel ou outros materiais, para dar lugar a experiências que lidam com o efêmero. Para a autora, na literatura a ruptura teria que ser com aquele que parecia ser sua condição de existir, de tomar forma, o suporte papel.

Diana Domingues (2002, p. 59), por exemplo, fala da ciberarte, que é marcada pela interatividade, fazendo uso suportes tecnológicos para gerar ambientes virtuais. A

autora afirma que todo o desenvolvimento tecnológico, que possibilita criar interfaces e redes de telecomunicação é de interesse dos artistas porque as novas descobertas alteram o campo da recepção.

Domingues (2002, p.161) comenta também que esta situação lembra os desejos milenares dos artistas de falarem sobre os fenômenos do cosmo, Leonardo da Vinci, Turner, Poussin e Constable, que nos falam das características do mundo físico: forças invisíveis, a conhecer a complexidade da natureza orgânica e inorgânica do mundo. Por fim, um recuo temporal, e encontramos outros elementos heterodoxos do passado somam-se aos atuais, para a criação de uma obra que seja um *processo*, como diz a autora:

Por outro lado, atitudes já exploradas na arte cinética, na cinemática, como a incorporação do tempo, da velocidade, do magnetismo ou ainda as reações químicas, dinâmica, o calor, o vento, ou outros processos científicos incorporados à criação ganham diferente amplitude com as tecnologias interativas. Esses antecedentes são somados também à noção de *obra criada para ser um processo e não um objeto*, atitude já antecipada pela arte de participação, que incrusta o corpo no interior da obra. Entretanto, a arte participacionista de um Le Parc, por exemplo, ou as vídeo instalações com circuitos através de câmeras não oferecem ainda o processamento ou o tratamento dos dados em ambiente virtuais, com respostas em tempo real, gerando uma realidade ampliada pelas tecnologias, na era pós-biológica. (Grifo meu)

Embora haja alterações na recepção das obras, continua existindo a coincidência da historicidade com a atualização, comentada por Hans Robert Jauss, cujo pensamento é assim esclarecido por Regina Zilberman (1989, p. 33), quando ela resume suas sete teses sobre os pressupostos teóricos da estética da recepção:

A primeira postula que a natureza eminentemente histórica da literatura se manifesta durante o processo de recepção e efeito de uma obra, isto é, quando esta se mostra apta à leitura. A relação dialógica entre o leitor e o texto – este é o fato primordial da história da literatura, e não o rol elaborado depois de concluídos os eventos artísticos de um período. A possibilidade de a obra se atualizar como resultado da leitura é o sintoma de que está viva; porém, como as leituras diferem a cada época, a obra mostra-se mutável, contrária à sua fixação numa essência sempre igual e alheia ao tempo.

Entre as principais revistas literárias impressas, aquelas que servem como referência até hoje como pioneiras, podemos citar a Klaxon (1922-1923), Verde (1928), Revista da Antropofagia (1928-1929), Festa (1927-1929 e 1934-1935), Noigrandes

(1952-1958) e Invenção (1962-1964). Apesar de tais revistas terem surgido basicamente por esforço de gente apaixonada por literatura, a manutenção delas era cara, uma vez que naquela época as formas de incentivo para publicação impressa eram bem mais restritas que nos dias atuais, em que há editais públicos e abertos, além do interesse de empresas privadas que patrocinam tal atividade.

Para CRUZ, as revistas literárias são um campo privilegiado para a reflexão do fazer literário, no sentido de que – a margem do mercado – podem (e normalmente o fazem) abrir espaço para novos poetas, e para os já estabelecidos, mostrarem seus trabalhos e avaliarem a sua receptividade. Ainda segundo o autor, passado o momento heroico do estabelecimento do plano piloto da poesia concreta (1958), onde se buscava novas condições para novas estruturações da linguagem e passado também seu momento de diluição na prática dos novos criadores influenciados por este programa, o que se observa nas revistas contemporâneas é a retomada e a eleição do verso como forma predominante da construção poética.

Com isso, o autor abre a discussão para o fato de que o formato revista (mesmo a impressa) é não apenas um novo suporte, mas também uma nova forma do se fazer poético, pelo menos no contexto cultural e político do final dos anos 1950, que dialogava, pelo menos no que dizia respeito à literatura (mais especificamente a poesia) com o começo do modernismo no Brasil. A consideração acima é reforçada quando o autor cita um trecho da primeira edição da Teoria da poesia concreta, de Augusto de Campos:

No plano nacional, o movimento da poesia concreta retomou o diálogo com 1922, interrompido por uma contrarreforma convencionalizante e floral. Surgiu com um projeto geral de nova informação estética, inscrito em cheio no horizonte de nossa civilização técnica, situado em nosso tempo, humana e vivencialmente presente. Ofereceu, pela primeira vez, uma totalização crítica da experiência poética estante, armando-se de uma visada e de um propósito coletivos. Enfrentou a questão participante, mostrando que alistamento não significa alienação dos problemas de criação, que conteúdo ideológico revolucionário só redundava em poesia válida quando é veiculado sob forma também revolucionária. Pensou o nacional não em termos exóticos, mas em dimensão crítica.

Em seu ensaio intitulado *Revistas Literárias no Brasil*, Edson Cruz ainda cita Nelson de Oliveira (*Verdades Provisórias*, 2003), que analisa as revistas literárias da época, também levando em consideração um momento político e histórico – a Segunda

Guerra Mundial – que veio influenciar na criação literária brasileira, e trouxe uma questão que permaneceu por muito mais tempo, a questão da crítica. Segundo Oliveira, o Brasil pós-Segunda Guerra foi o momento áureo das revistas literárias, que durou mais ou menos trinta anos, ocorreu lado a lado com o auge (tardio) do modernismo tanto na prosa como na poesia: “A julgar pelo que se vê hoje em dia – em 2003 – a função de uma publicação literária qualquer é basicamente a de criticar e avaliar a produção poética e ficcional. Criticar e avaliar – mais do que apresentar amostras desta produção; contos, poemas, trechos de romance, etc”.

E segue apontando sua breve análise para o começo dos anos 2000:

Vencida a péssima fase econômica dos anos 80, a quantidade de publicações especializadas cresce a cada dia. É prematura ser categórico quanto a isso, mas tudo indica que o tempo da hegemonia da criação, nas grandes publicações literárias, parece que já passou. Até na internet, onde proliferam as páginas de jovens prosadores e poetas ávidos por mostrar seu trabalho, o número de páginas destinadas à resenha e ao ensaio não é nenhum pouco desprezível.

A partir dessas afirmações, percebemos que houve momentos muito fora da linearidade no que diz respeito às publicações literárias desde quando foram criadas até o surgimento da internet.

A importância da análise de Oliveira em relação ao contexto cultural da época é bastante presente também em uma antologia de sua autoria, a Geração 90: manuscritos de computador. Ao reunir os principais autores desta década, ele ressalta a influência dos anos 70 e dos principais expoentes da chamada literatura marginal, tanto de escritores e suas obras, como também da produção de publicações independentes em formato revista, que muitas vezes se utilizavam de suportes mais simples para evitar os altos custos das grandes editoras. Por isso, este grupo que produzia literatura marginal era também chamada de geração mimeógrafo.

Sobre a geração 90, o autor traz à memória o fato de que tal seria o primeiro grupo de escritores cuja infância havia sido bombardeada e, conseqüentemente influenciada, pelo veículo de comunicação “mais agressivo do planeta”, a televisão. Neste sentido, as afirmações de Oliveira podem servir de rumo para tentar indicar possíveis caminhos para as questões deste trabalho: será que a internet influenciou e influencia a escrita dos autores contemporâneos?

Para SANTOS (2003), o que temos atualmente é um entrelaçamento, às vezes conflitante, harmonioso em outras, de retóricas, de códigos, de técnicas. E mesmo que a literatura esteja representada em cada uma dessas criações literárias digitais por meio da palavra, não se pode mais estabelecer que seja esse o elemento definidor exclusivo de uma obra dada como literária:

Em muitas criações poderemos ver que, mesmo naquelas classificadas por seus autores como literárias digitais, a função da palavra não é mais a de inaugurar sozinha um mundo a ser fruído pelo leitor, mas sim a de reconfigurar-se, a própria palavra, em meio aos demais significantes (sons, imagens, interatividades) na elaboração dos espaços de textualização, ou seja, de literatura.

Jorge Luiz Antonio, em entrevista publicada na revista e-Com²⁵, diz que a afirmação do filósofo Vilém Flusser - Os textos, transpostos em novos códigos, estão se transformando em imagens técnicas – nem sempre pode ser compreendida como uma transposição (tradução intersemiótica ou releitura) de um processo criativo:

Se eu apenas escrever um soneto de Camões no Word, ele foi transposto para o código digital, se tornou uma imagem técnica, mas a linguagem digital não foi incorporada ao poema, ou seja, não se tornou um poema digital. É o mesmo que escrever o mesmo soneto numa folha de papel com uma caneta ou com a máquina de escrever. Também existem muitos poemas que circulam nos meios digitais, mas continuam sendo verbais e que poderiam ser impressos. Em muitos casos, eles se mostram em páginas digitais, tal como em um livro impresso. Nós temos certeza de que não é a essa imagem técnica a que o Flusser se referiu, mas de uma nova linguagem que surge com a fotografia e, a partir dela, com outras mídias.

Sobre a questão do suporte, Antonio acrescenta que a escrita, na Antiguidade, foi feita por intermédio de um objeto pontiagudo numa superfície maleável, depois com uma pena embebida em tinta, tempos depois, com a caneta-tinteiro, a caneta esferográfica, com a máquina de escrever e, hoje, com o computador. Isso significa que toda escrita pressupõe uma mediação técnica, ou seja, se faz por meio de um aparelho, seja ele simples ou complexo. Para o pesquisador, que também é autor de *Poesia eletrônica: negociações com os processos digitais* (2008) o suporte altera o processo de escrita: “É o mesmo que escrever o mesmo soneto numa folha de papel com uma

²⁵ Disponível em <http://revistas.unibh.br/index.php/ecom/article/view/679>

caneta ou com a máquina de escrever. Também existem muitos poemas que circulam nos meios digitais, mas continuam sendo verbais e que poderiam ser impressos”.

Tal mudança de suporte acaba por implicar também numa mudança de linguagem, ainda que a literatura continue sendo literatura. Almeida (2008), diz que ao mesmo tempo que a internet propiciou ao usuário comum o acesso a uma quantidade inimaginável de informação “ela também ocasionou uma transformação no tipo de leitura realizada: a leitura via WEB, muitas vezes, apresenta-se mais superficial que a tradicional, que tem como suporte o livro”. Entendemos que a superficialidade citada por Almeida não significa que o leitor não tenha completo entendimento daquilo que é lido, mas que a quantidade de informação acessada em curto espaço de tempo e a possibilidade de circular infinitamente entre links e hiperlinks pode dispersar a atenção do leitor.

Silva (2008) afirma que:

em decorrência das suas características de uso (velocidade, aceleração, credibilidade reduzida, etc.), o mundo da internet diminui a profundidade de compreensão das informações pelos leitores: a fatura dos textos inseridos nesse ambiente pode, muitas vezes, levar a um estreitamento do raciocínio e do pensamento por interferência da própria forma de uso (veloz, fugaz, etc.) dessas ferramentas de navegação.

Davidson de Oliveira Diniz aponta, em seu ensaio²⁶ sobre a obra “Não contem com o fim do livro”, de Umberto Eco e Jean Claude Carrière, para a questão da efemeridade dos suportes não duráveis como algo que caracteriza a presente inflexão na armazenagem e circulação social das informações. Para ele, “a fragilidade dos suportes contemporâneos, a inexorável obsolescência dos dispositivos tecnológicos, entre outras coisas, são agravantes de algo a que já podemos considerar como uma ‘crise da durabilidade’ em relação às memórias pessoais”. Ou seja, ao mesmo tempo que os novos suportes são modernos e cada vez mais apropriados não apenas pela literatura, mas por todas as outras artes, há uma certa preocupação quanto a sua permanência. O pesquisador completa: “Tudo isso se evidencia mediante a incerteza quanto à acessibilidade posterior de tais suportes, seja pela renovação dos mesmos, algo que gera suplantação e esquecimento implacáveis, seja pela disponibilidade de

²⁶ Disponível em <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/viewFile/1543/1640>

recursos energéticos para movimentá-los num futuro a cada dia menos pós-apocalíptico.”

Portanto, ainda somos capazes de ler um texto impresso há cinco séculos. Mas somos incapazes de ler, não podemos mais ver, um cassete eletrônico ou um CD-ROM com apenas poucos anos de idade. A menos que guardemos nossos velhos computadores em nossos porões. (...) Aceleração que contribui para a extinção da memória. Este é provavelmente um dos problemas mais espinhosos de nossa civilização. De um lado, inventamos diversos instrumentos para salvaguardar a memória, todas as formas de registros, de possibilidades de transportar o saber – é provavelmente uma vantagem considerável em relação à época em que era necessário recorrer a mnemotécnicas, a técnicas para lembrar, pura e simplesmente porque não era possível ter à sua disposição tudo que convinha saber. Os homens então só podiam confiar em sua memória. Por outro lado, independentemente da natureza perecível desses instrumentos, que de fato constitui problema, também devemos reconhecer que não somos imparciais diante dos objetos culturais que produzimos.²⁷

Como foi dito anteriormente, consideramos as revistas literárias e sites de literatura online uma espécie de evolução das impressas. Se antes, com a predominância de textos impressos, já era difícil estabelecer uma linha de raciocínio que permitia apontar com exatidão o princípio da influência das coisas, com a internet a impressão é que tudo esteja mais disperso. Por isso, seria praticamente impossível dizer com exatidão, mesmo apesar dos indícios já apontados no capítulo dedicado aos blogs, quando e como a literatura na internet passou a ser disseminada no Brasil e quem foram os percussores. Entretanto, principalmente para quem participou e viveu o final dos anos 1990 e começo dos anos 2000, é preciso reconhecer a importância que alguns projetos tiveram não apenas na disseminação da literatura em rede, mas na criação (ou propagação) de uma nova linguagem na internet.

Com base na citação de SANTOS (2003), podemos abordar o zine eletrônico Cardosonline (COL), de 1998, que é considerado o pioneiro no que diz respeito à literatura na internet. Seu formato de distribuição nos leva a dizer que se trata de uma das primeiras revistas literárias online e que criou uma nova linguagem no campo literário. A proposta inicial consistia em dois e-mails semanais, enviados para os assinantes de uma lista, com poesias, contos e pequenos ensaios, em texto plano,

27 ECO; CARRIÈRE. Não contem com o fim do livro, p. 24-25.

porém sem imagens ou requintes de formatação, como no exemplo abaixo:

de pessoas.

A HISTÓRIA.

Cardos, o É um garoto muito dedicado a seus afazeres. Sua mais nova invenção é o CardosOnline. O que nada mais é um do que um boletim online de acontecimentos concernentes aos alunos da Fabico. ... um Ótimo veículo que alcança os mais diversos lares.

Tudo estava bem, até que um dia, algo horrível aconteceu. O menino, um jovem de apenas 19 anos e um cavanhaque futsal alaranjado, teve uma crise de tendinite aguda. Os médicos estão desesperados, pois não se sabe o motivo de tamanho mal às suas articulações braçais. Seria porque seus e-mails tem mais de 11.367,5 caracteres?? Na verdade os mails desse rapaz começam e parecem as aulas da Rosa Nívea, parece que nunca vai acabar. A questão é como consegue esse rapaz escrever tanto?? Médicos japoneses atribuem esse dom ao cruzamento do Arce entre as suas ascendências Soviéticas e o jeitinho brasileiro com o colarzinho baiano. Mas nada está comprovado.

Fica aqui o apelo para que você ajude esse moço de poucas palavras, mas muito bom coração, não deixe que a tendinite impeça, que e-mails de 432 kilobytes de puro texto, sem linhas puladas, cheguem na sua casa. Não deixe as poucas palavras de Cardos, o calarem!!!"

---Tiago Ritter

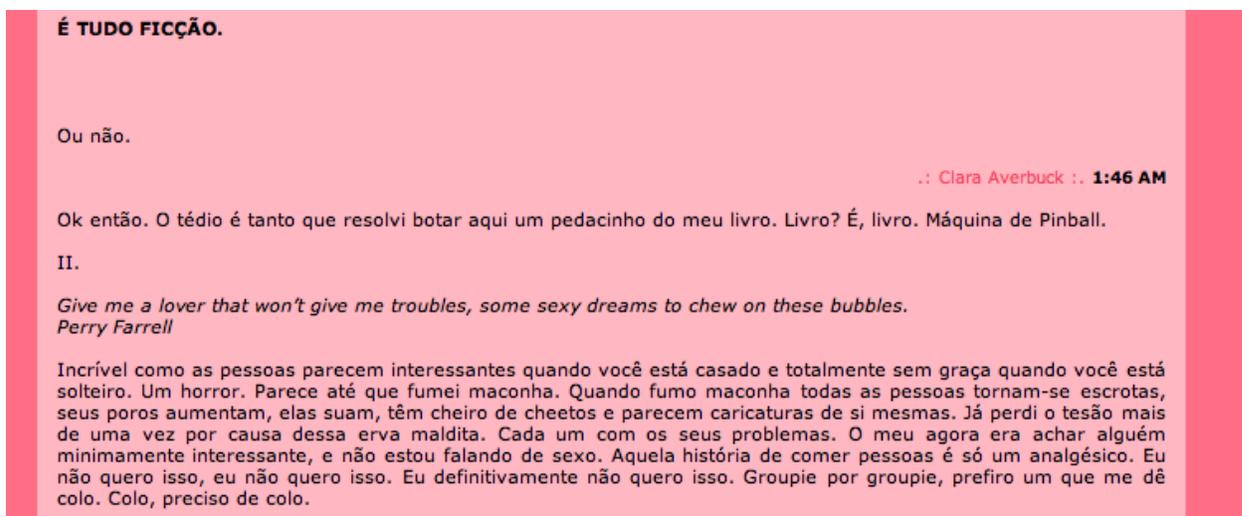
ALCE VENENOSO - O CANTOR DOS CORNOS

Fim de semana sem graça para quem não tem namorada. Porto Alegre está cheia de moscas. E com esse calor, as coisas ficam mais fada. Quem tem casa na praia nem pensa, vai por instinto. E geralmente as mulheres mais gostosas tem casa na praia, ou conhecem alguém que tem casa na praia, em suma, está na praia. Agora, onde é que se meteram as mulheres de Porto Alegre? Será que estão todas no Dado, Rodeo Drive, Malibu, Astoria e Notre Dame? Na conclusão desse notívago, sim.

O projeto começou em 1998 com o objetivo de espantar o tédio durante uma greve que paralisou várias universidades federais no Brasil, em 1998. André Czarnobai, o Cardoso, na época estudante de jornalismo da UFRGS, teve a ideia de enviar e-mails a alguns amigos, relatando algumas de suas desventuras no período. O projeto foi crescendo e, segundo as estimativas dos participantes, foram quase 10 mil páginas de conteúdo em três anos, produzidas por uma equipe final de oito colaboradores fixos e uma série de participantes eventuais. Além de André Czarnobai e Daniel Galera, os responsáveis pelo COL foram Marcelo Träsel, Guilherme Pilla, Guilherme Caon, Clarah Averbuck, Daniel Pellizzari (ou Mojo) e Hermano Freitas.

Eram e-mails coletivos contendo poemas, causos pessoais, comentário sobre festas e filmes, brincadeiras com os colegas. Eu era um dos recipientes, e percebi que as mensagens lembravam o conteúdo de certos sites de resenha cultural que eu gostava de ler, em especial o Pitchfork. As principais semelhanças estavam no estilo pessoal e livre de escrever, bem como no uso permanente da primeira pessoa e de análises subjetivas. Hoje em dia, isso é o estilo padrão de escrever na internet, mas naquela época, ainda era uma novidade. A ideia era usar a plataforma de e-mail sem imagem, para que nenhuma internet lenta, na época ainda discada, tivesse dificuldade de receber.

A questão do estilo pessoal dos diários pessoais é claramente notada nos e-zines enviados por e-mail do COL. Tal estilo foi sendo apropriado e modificado à medida que os blogs foram popularizados. Uma das participantes do projeto, Clarah Averbuck, foi uma das primeiras a ganhar destaque no cenário da blogosfera brasileira com seu blog Brasileira Preta. Nele, a escritora escrevia situações cotidianas e estritamente pessoais, traço marcante em seus livros, publicados todos depois da criação do blog. O post abaixo, de 2001, é o primeiro em que Clarah escreve sobre seu livro, que seria publicado apenas no ano seguinte:



De acordo com Carlos Ceia, professor de Letras da Universidade de Nova Lisboa, o estudo das possibilidades de construção do estilo é tarefa da estilística, que inclui um campo de reflexão sobre a própria noção de estilo, a aplicação do vocabulário e da sintaxe de forma a obter determinados efeitos a partir de uma norma linguística.

Em seu dicionário de termos literários²⁸, o qual denomina de e-dicionário, diz que a variedade de estilos é proporcional à variedade de processos de criação literária, pelo que é legítimo falar de variantes como:

(1) *estilo de autor*, quando se identificam certos rasgos linguísticos que são únicos num dado indivíduo; (2) *estilo de época*, quando um dado período da história literária impôs um modo de escrever muito codificado e segundo normas coletivas, falando-se, neste caso de estilo clássico, maneirista, barroco, romântico, etc.; (3) *estilo de uma obra*, quando nos referimos ao modo literário que um dado texto apresenta (lírico, narrativo ou dramático); (4) *estilo temático*, quando uma dada obra se concentra em temas específicos (políticos, filosóficos, religiosos, jornalístico, históricos, didáticos, etc.); (5) *estilo qualificado*, quando se opta por dar uma determinada ênfase ao discurso (neste caso o estilo pode ser diplomático, sarcástico, irônico informativo ou objetivo, humorístico, etc.); (6) *estilo localizado*, quando falamos de um modo de comunicação verbal próprio de uma comunidade linguística geograficamente localizada (estilo ático, dórico, flandrino, parisino, paulista, etc.).

A mais nova revista literária lançada no Brasil chama-se “Parênteses”, editada pela poeta Lubi Prates e pelo designer Bruno Palma. As edições são bimestrais e distribuídas gratuitamente pela internet em diferentes formatos. O objetivo da revista é produzir literatura em todos os meios, para todos os públicos, privilegiando autores que ainda não têm, ou não querem ter, a chancela de uma editora.

No caso da Parênteses há uma preocupação não apenas com os textos que publicam, mas também com a estética. Este traço é percebido quando leva-se em consideração sua diagramação, muito parecida com a de uma revista impressa. O fato de ter um designer gráfico na equipe facilita a produção da revista, a medida que elementos como fotografias, fontes e cores, por exemplo, podem ser melhor explorados. A escolha pela publicação online é baseada na facilidade de distribuição e baixos custos de produção. Apesar de não ter uma linha editorial restrita, a revista foi lançada com textos de autores que mantinham uma relação com os editores, principalmente blogueiros, cujos textos já circulam pela rede em seus blogs pessoais. Depois da segunda edição, passaram a aceitar textos por e-mail para análise e possível publicação.

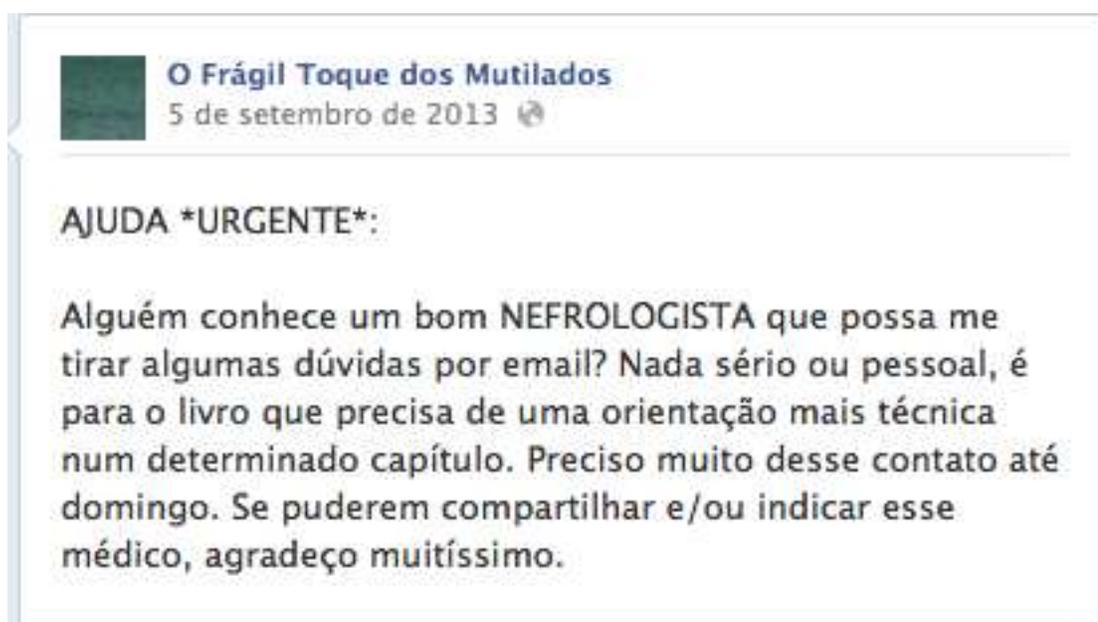
No blog *O Frágil Toque dos Mutilados*, mesmo título do projeto de romance vencedor do Prêmio Governo de Minas Gerais de Literatura na categoria “Jovem

²⁸ <http://www.edtl.com.pt/>

Escritor Mineiro”, esta questão do estilo pessoal é apresentada em forma de diário de autor, um relato de produção de um livro que se transpôs e se transformou em um novo produto além-livro. Alex Sens Fuziy, o autor, teve a incumbência de escrever um livro de 300 laudas em seis meses e criou este blog para compartilhar o processo criativo:

A ideia do blog é compartilhar o processo criativo deste romance de uma forma que não aprofunde demais nos detalhes e na própria história para não ser estraga-prazeres. Por isso o subtítulo “um romance em expansão”, porque é isso: o romance está expandindo, está crescendo, e vocês vão presenciar essa expansão nos próximos meses comigo.

Fuziy também criou uma página no Facebook para atualizar o andamento de sua produção, com fotos, vídeos, informações, perguntas e consulta aos leitores:



Tal aproximação com o leitor, tanto no blog como na página do facebook, teve importância na produção do livro à medida que, espontaneamente ou por meio de perguntas e, claro, das respostas, o processo de sua escrita tornou-se aberto. Mesmo que não tenha sofrido grandes alterações no decorrer do trabalho, os comentários dos leitores fizeram parte também da sua escrita enquanto autor.



O Frágil Toque dos Mutilados

8 de maio de 2013

"Você, Alex, inconscientemente, me leva à escrever, mesmo com tantas tarefas de Cálculo e a faculdade sobre as costas. Quando li isso, lembrei de quem era, da minha sede que me fazia ficar horas e horas, madrugadas à dentro, procurando o texto ideal, o formato perfeito e tudo o que eu precisava falar em forma dos meus personagens. Isso me bateu, como só as lembranças batem à porta. Terei o imenso prazer de ter esse livro na minha estante, do lado da minha Clarice Lispector, da Cecília Meirelles e da minha Lygia Fagundes Telles. Espero-o com pressa. E, novamente, obrigada!"

• • •

Não costumo replicar comentários elogiosos direcionados a mim, mas este em especial, feito hoje no blog, me tocou. Fiquei pensando se existe algum "papel" do escritor além de escrever, e então pensei nos leitores, mas também os escritores inspiram outros escritores, fazem girar essa roda criativa independentemente de motivos ou experiência. É bonito ver isso, saber disso, e continuo escrevendo com a certeza de que é nesse atemporal e fantástico universo literário que me encontro em completude.

Em relação à interação, Primo (2003) sugere dois tipos: mútua e reativa e propõe a discussão dos tipos interativos em virtude das seguintes dimensões: *a) sistema*: um conjunto de objetos ou entidades que se inter-relacionam entre si formando um todo; *b) processo*: acontecimentos que apresentam mudanças no tempo; *c) operação*: a produção de um trabalho ou a relação entre a ação e a transformação; *d) fluxo*: curso ou sequência da relação; *e) throughput*: os que se passa entre a decodificação e a codificação, inputs e outputs (para usar termos comuns no jargão tecnicista); *f) relação*: o encontro, a conexão, as trocas entre elementos ou subsistemas; *g) interface*: superfície de contato, agenciamentos de articulação, interpretação e tradução.

Entendemos que cada uma das dimensões explicitadas por Primo são

importantes para o entendimento dos processos de interação mediada por computador, mas nos interessa, neste momento, abordar uma delas, a qual acreditamos ser mais adequada no caso tanto do blog como da página do facebook do projeto de *O Frágil Toque dos Mutilados*, a operação.

Quanto à *operação* desses dois tipos de interação, Primo aponta que a mútua se dá através de *ações interdependentes*. Isto é, cada *agente*, ativo e criativo, influencia o comportamento do outro, e também tem seu comportamento influenciado. Isso também ocorre entre os interagentes e seu ambiente. Logo, a cada evento comunicativo, a relação se transforma. Já os sistemas reativos se fecham na *ação e reação*. Um polo age e o outro reage.

O mesmo ocorre no projeto *Correnteza e escombros*²⁹, do escritor Olavo Amaral que tem uma proposta semelhante à de Alex, porém mais direcionada, em que a participação pública por meio de comentários não é apenas esperada, mas incentivada e organizada. Olavo criou um site, inclusive com um tutorial de como participar enviando comentários, fotos e vídeos. No editorial, o autor diz que:

Todo livro é infinito, ao menos enquanto for lido. Mas a rede de existência que se forma a partir da leitura de um livro é em larga parte invisível: afora opiniões da crítica, o impacto da obra sobre o leitor normalmente se propaga num boca-a-boca impossível de ser seguido. E ao autor resta apenas imaginar o fluxo subterrâneo desencadeado pelo que escreveu, e procurar algum traço dele nos leitores e escritores do seu convívio.

Esta interação incentivada pressupõe o desejo do autor de não ser o único responsável pela obra, deixando que o leitor colabore, mas há um cuidado para que os comentários não sejam a parte principal de seu livro, mas sim, complementos, ou seja, à medida que o leitor interage, há também uma resposta, um diálogo e assim, a escrita se dá não de forma colaborativa, mas participativa. Como propõe Primo, uma vez estabelecida a hierarquia, ela passa a ser repetida em cada interação. Grande parte dos títulos multimídia e páginas da Web se baseiam na apresentação de possíveis para a seleção. O usuário pode apenas intervir na sequência desses possíveis arregimentados por antecedência.

²⁹ <http://www.olavoamaral.com.br>

SE O SEU LEITOR ESTÁ NO FACEBOOK, VÁ ATÉ ELE: SÓ O PÓ, O PRIMEIRO LIVRO PUBLICADO NA REDE SOCIAL

Em agosto de 2012, foi lançado aquele que é considerado o primeiro livro publicado pelo Facebook no Brasil, o “Só o pó³⁰”, de Claudia Steiner. Trata-se da história de quatro amigos que trabalhavam juntos muitos anos antes e após um tempo se encontraram no Facebook, passando a se comunicar apenas pelo site. Apesar da ideia original de postar um capítulo por dia, permitindo comentários, a autora avisa que o livro “não é uma obra aberta, pelo menos nessa versão. A interação fica pelos comentários sobre a trama, sobre o texto, pelos ‘curtir’ e pelas muito bem-vindas correções gramaticais.”

O livro foi dividido em temporadas e se utilizou de todos os recursos disponibilizados no site, como álbum de fotos e vídeos. Além disso foi lançado em e-book e está sendo vendido pela internet. Em um dos posts na página, a autora expressa sua opinião sobre os e-books e fala um pouco de seu livro:

E-books são muito práticos, dá pra levar vários num aparelhinho. Porém a grande maioria dos e-books é de livros digitalizados, ou seja igual a versão impressa mas para ser lido no aparelho eletrônico (pior é quando vêm com o preço quase igual ao impresso...). Outros, como Só o pó (;)) são livros digitais e não apenas digitalizados, exploram uma outra linguagem além do texto, com fotos, vídeos e pop ups que levam a textos complementares.

A experiência de escrever um livro online e praticamente sob uma plateia é interessante à medida que se assemelha a uma série de televisão ou uma novela, cujos capítulos vão sendo revelados a cada dia, gerando curiosidade e um certo suspense.

³⁰ <https://www.facebook.com/livrosoopo>

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando este trabalho começou a ser pensado, falava-se muito sobre o fim do livro. Matérias de jornais destacavam o lançamento de novos dispositivos eletrônicos móveis que permitiam a leitura de textos mais longos; escritores, intelectuais, editores, donos de livraria e, claro, leitores, discutiam frequentemente sobre este avanço tecnológico, que começara décadas antes, mas que se tornava cada vez mais abordado a partir do final dos anos 1980, com o desenvolvimento dos primeiros e-readers. Na verdade tratavam-se dos “minicomputadores”, que evoluíram para os chamados *palmtops*, cujo objetivo principal não era apenas a leitura, mas são provavelmente os avós dos *tablets* que conhecemos hoje.



Lucas Guedes
amgs, pesquisa rápida, o livro impresso vai deixar de existir?
Curtir · Comentar · Compartilhar · há 10 minutos · 

 Kaísa Isabel e Henrique NH curtiram isso.

 **Cleyton Cabral** Nunca.
há 10 minutos · Curtir

 **Gil Maciel** não...
há 9 minutos · Curtir

 **Pri Alves** No
há 7 minutos · Curtir

 **Adri Piano** nunca
há 6 minutos · Curtir

 **Adri Piano** mas será uma preciosidade rara e cara
há 6 minutos · Curtir

 **Adri Piano** o papel terá o mesmo valor dos tempos do pergaminho nas bibliotecas bizantinas. rs
há 3 minutos · Curtir

 **Juliana Gomes** não, o digital e o impresso existirão da mesma forma. O que eu acredito que aconteça é um cuidado maior com o impresso para agregar valor diante do digital.
há ± um minuto · Curtir

 **Kaísa Isabel** Não. Compro as duas versões quando gosto.
há ± um minuto · Curtir

 **Luciana Barreto van Tol** claro que nao!
há ± um minuto · Curtir

 Escreva um comentário... 

Outra questão, talvez menos discutida que o fim do livro impresso, era a da mudança na escrita dos discursos eletrônicos. O uso cada vez mais cotidiano dos e-mails e logo em seguida dos chats ou salas de bate-papo, que exigem ou pelo menos espera do usuário uma interação mais rápida, popularizou o uso de palavras abreviadas, em que você é vc, tchau é xau e tudo é td, isso só para citar os exemplos de palavras em português. Essa abreviação já estava presente também na fala e mesmo em cartas escritas à mão ou mensagens de celular, mas tornou-se quase que um novo idioma com a popularização da internet.

Em relação à escrita nos discursos eletrônicos, Crystal (apud MARCUSCHI, 2004, p. 19) cita três aspectos “relacionados ao papel da internet na linguagem e o efeito da internet na linguagem”. São eles:

- do ponto de vista dos usos da linguagem: temos uma pontuação minimalista, uma ortografia um tanto bizarra, abundância de siglas, abreviaturas nada convencionais, estruturas frasais pouco ortodoxas e uma escrita semialfabética;
- do ponto de vista da natureza enunciativa dessa linguagem: integram-se mais semioses do que usualmente, tendo em vista a natureza do meio com a participação mais intensa e menos pessoal, surgindo a hiperpessoalidade; e
- do ponto de vista dos gêneros realizados: a internet transmuta, de maneira bastante complexa, gêneros existentes, desenvolve alguns realmente novos e mescla vários outros.

Felizmente, tal discurso não foi apropriado em sua totalidade pelos “novos escritores” que, mesmo utilizando-se de novos suportes para realização de seus trabalhos, mantiveram no mínimo a norma culta. Seus *estilos de autor*, como mostra Ceia³¹, permanecem. O que podemos considerar é o desenvolvimento cada vez maior do *estilo de época* como predominante, se formos pensar na questão de a internet ter colaborado para o surgimento de uma nova era, a digital. Sendo assim, as mudanças tecnológicas e, conseqüentemente, sociais, podem ter influenciado também para que um novo estilo de época fosse criado.

É preciso alertar para o fato de que não há praticamente como voltar para a era da literatura unicamente impressa, portanto é importante saber lidar com tais

³¹ <http://www.edtl.com.pt/>

transformações. Ao analisar o que mudou e tentar prever o que está por vir em relação à linguagem na internet, sobre o objeto livro e, sobretudo, mais especificamente à literatura, faz-se necessário um cuidado para não sermos engolidos pela tecnologia, seus discursos e seus efeitos (nocivos ou não) para continuar nossa existência enquanto humanos, independentemente de como encaramos tal existência. Seja na produção ou na divulgação de conhecimento, seja como pesquisadores, seja como autores ou leitores.

Marcuschi (2004, pág. 18) lembra novamente David Crystal (2001) quando diz que há uma falsa ilusão ao acreditar que o mundo inteiro se renova com o surgimento de uma nova tecnologia. “Novidades podem até acontecer, mas com o tempo percebe-se que não era tão aquilo que foi tido como tal”.

Ao que tudo indica, o e-book não vai substituir o livro impresso e a literatura vai continuar sendo literatura. Mas é preciso reconhecer que a era da exclusividade impressa na literatura acabou e ainda estamos aprendendo a lidar com isso. Por mais que discursos inflamados e apaixonados preguem o valor do livro enquanto objeto, com cheiro, com a sensibilidade do toque do dedo em contato com o papel ao virar a página e a beleza de uma estante lotada destes objetos, o rumo das mudanças tecnológicas, sociais e culturais mostra que novos meios, novos suportes e novas linguagens estão sendo criadas e modificadas a cada vez mais.

Com a internet, essa velocidade de mudança avança a passos largos. É a escada rolante comparada à escada fixa. O movimento continua, não com nossos passos, mas com a força de um motor que nos faz subir ou descer. Entretanto, assim como a escada rolante não substituiu completamente as fixas, a internet, os aplicativos ou os eletrônicos não vão substituir o papel.

Em contraponto com o que acontece com o aumento gradativo de livros sendo publicados e distribuídos digitalmente, há também um aumento significativo de novas editoras de impressos, na maioria das vezes independentes. Crescem as feiras de livro pelo mundo e os eventos dedicados à literatura, como por exemplo a Festa Literária de Paraty (FLIP), realizada anualmente e dura cinco dias com cerca de 200 eventos, que incluem debates, shows, exposições, oficinas, exhibições de filmes. Para citar um evento

menos mainstream, temos a Feira Plana, primeira feira de publicações independentes, sejam elas livros, zines, pôsteres ou qualquer outro tipo de material impresso.

Há ainda algumas iniciativas que se utilizam da internet para criar espaços de discussão e debates. Seguindo a onda das comunidades virtuais, dos grupos de e-mail e, principalmente dos chats online, em setembro de 2009, foi organizado o festival “Dinossauros e @nfíbios”, com a participação de escritores de vários países da América Latina e Europa. O evento consistia em debates que ocorreram via chat, vídeos, fóruns e houve até leituras de poemas pelo Second Life. A interface deu origem a uma comunidade virtual para reunir pessoas de diferentes saberes, localidades e interesses em torno dos temas língua e literatura e hoje é referência no que diz respeito à discussão de literatura, não somente em rede, mas também dos processos de criação, mercado editorial e novas tecnologias.

Ao percebermos a existência deste espaço unicamente online para discutir literatura, assim como outros projetos do mesmo segmento que vêm ganhando força a cada dia, não podemos desprezar o fato de que novos caminhos estão sendo escritos. A leitura muda, a escrita muda, a interação muda.

Na internet, por conta da quantidade de informação, pelo excesso de ferramentas disponibilizadas, pela facilidade que os hiperlinks proporcionam de visitar páginas e mais páginas quase que simultaneamente, pelo grande número de arquivos multimídia como vídeos, áudios, entre outros, com certeza influenciam no modo como o leitor compreende o texto, o que configura uma outra experiência de leitura e de interação.

Sendo assim, consideramos que os textos literários publicados na internet, sejam eles publicados em blogs, páginas em redes sociais ou mesmo em arquivos distribuídos digitalmente, não caracterizam o surgimento de um novo gênero literário. Entretanto, em meio a um cenário não muito iluminado, reconhecemos que há novas práticas literárias. Tais práticas essas, que ainda estão sendo desenvolvidas e aprimoradas desde que a internet surgiu e é possível que daqui a algum tempo, textos publicados na internet sejam consolidados pelas próximas gerações como um estilo claro e definido, mas ainda assim, é cedo para afirmar esta hipótese.

REFERÊNCIAS

ANTELO, Raúl. *As revistas literárias brasileiras*. Disponível em: http://www.cce.ufsc.br/~nelic/Boletim de Pesquisa2/texto_raul.htm - Acesso em 19 de abril de 2013.

ARAUJO, Artur Vasconcellos. *Weblog e Jornalismo: os casos de No Mínimo Weblog e Observatório de Imprensa (Bloi)*. São Paulo. 2006. Dissertação de Mestrado em Ciências da Comunicação. Escola de Comunicação e Artes. Universidade de São Paulo.

BAKHTIN, Mikhail (VOLOCHÍNOV, V.N.). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1981.

_____. Os gêneros do discurso. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 277 – 287.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1993.

CHARTIER, Roger. *Os desafios da escrita*. São Paulo: Unesp, 2002.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em Rede – A era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CAVALIERE, Raffaele. *Escreva um diário para se conhecer*. São Paulo: Ed. Santuário, 1996.

CRUZ, Edson. *Revistas literárias no Brasil*. Disponível em: <http://www.musarara.com.br/revistas-literarias-no-brasil> - Acesso em 19 de abril de 2013.

CUNHA, Helena Parente da. Os gêneros literários. In: *Teoria Literária*. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro. Col. Biblioteca Tempo Universitário. Vol. 42. 2ª ed, 1979.

DOMINGUES, Diana. Desafios da ciberarte: corpo acoplado e sentir ampliado. In: BARROS, Ana & SANTAELLA, Lucia (Orgs.). *Mídias e artes: os desafios da arte no início do século XXI*. São Paulo: Unimarco Editora, 2002. p. 59-81.

FONSECA, Márcio Alves. *Michel Foucault e a constituição do sujeito*. São Paulo: Editora da PUC-SP, 1995.

FLUSSER, Vilém. *Filosofia da caixa preta: Ensaio para uma futura filosofia da fotografia*. Tradução do autor. Revisão: Gustavo Bernardo. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

_____. *A escrita: Há futuro para a escrita?* Tradução: Murilo Jardelino da Costa. Revisão técnica: Gustavo Bernardo. São Paulo: Annablume, 2010.

GENETTE, Gérard. *Discurso da narrativa*. Lisboa: Vega, 1995.

HABERMAS, Jürgen. *Mudança Estrutural da Esfera Pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

HALL, Stuart. *Identidade Cultural na pós-modernidade*. 11ª edição. São Paulo: DP&A, 2006.

JOHNSON, Steven. *Cultura da Interface: como o computador transforma nossa maneira de criar e comunicar*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

LEÃO, Lúcia. *O labirinto da hipermídia: arquitetura e navegação no ciberespaço*. 3ª edição. São Paulo: Iluminuras, 1999.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34, 1999.

_____. *O que é o virtual?* São Paulo: Ed. 34, 1996.

_____. *Plissê fractal* ou como as máquinas de Guattari podem nos ajudar a pensar o transcendental hoje. Disponível em: <<http://empresa.portoweb.com.br/pierrelevy>>. Acessado em 4 de março de 2013.

_____. *Tecnologias intelectuais e modos de conhecer: nós somos o texto*. Disponível em: <<http://empresa.portoweb.com.br/pierrelevy>>. Acessado em 4 de março de 2013.

_____. *A emergência do cyberspace e as mutações culturais*. Disponível em: <<http://empresa.portoweb.com.br/pierrelevy>>. Acessado em 4 de maio de 2013.

MACHADO, Arlindo. *Máquina e imaginário: o desafio das poéticas tecnológicas*. São Paulo: Edusp, 2001.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. Em MARCUSCHI, L. A. & XAVIER, A. C. (Orgs.) *Hipertexto e Gêneros digitais*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2004

MARTÍN-BARBERO, Jesus. *Dos meios às mediações*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.

MORAES, Denis. *Por uma outra comunicação. Mídia, mundialização cultural e poder*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

OLIVEIRA, D. *Aportes teóricos da comunicação na sociedade da informação*. Anais do 26. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Belo Horizonte-MG, setembro de 2003. São Paulo: Intercom, 2003. [CD-ROM]

ORLANDI, Eni. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes,

1999.

PÓVOA, Marcello. *Anatomia da Internet: investigações estratégicas sobre o universo digital*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2000.

PRIMO, Alex F. T. *Explorando o Conceito de Interatividade. Definições e Taxionomias*. Artigo publicado na revista "Informática na Educação", do PGIE/EFRGS. 2003. Online em <http://www.psico.ufrgs.br/aprimo/pb/pgie.htm>

_____. *Interação Mútua e Interação reativa: uma proposta de estudo*. Revista FAMECOS. Porto Alegre. N. 12, 2000.

RODRIGUES, Adriano D. *A Comunicação social. Noção, História, Linguagem*. Lisboa: Editorial Vega, 1980.

RUDIGER, Francisco. *Introdução às teorias da cibercultura*. Porto Alegre: Sulina, 2004.

SANTOS. Alckmar Luiz dos. *Leitura de Nós: Ciberespaço e Literatura*. São Paulo: Rumos Itaú Cultural Transmídia, 2003.

_____. *Atraso do progresso*. In: Remate de Males – 29(1). Campinas, jan./jun. 2009. p. 25-40.

_____. *Tecnologia da Composição ou reflexões oferecidas aos críticos*. Revista FronteiraZ, São Paulo, n. 7, dezembro de 2011. p. 1-10.

_____. *Artefato, máquina*. Disponível em: <<http://www.textodigital.ufsc.br>>. Acessado em 20 julho 2012.

_____. *Literatura e(m) computador*. Disponível em: <<http://www.textodigital.ufsc.br>>. Acessado em 20 julho 2012.

_____. *Acerca de uma textualidade informatizada*. Disponível em: <<http://www.textodigital.ufsc.br>>. Acessado em 20 julho 2012.

VENTURELLI, Suzete. *Considerações sobre interfaces homem/máquina na realidade virtual e no ciberespaço*. Disponível em: <<http://wawrwt.iar.unicamp.br/compos2000/4suzete.html>>. Acesso em 28 junho 2012.

WATTS, Duncan J. Six Degrees. *The Science of a Connected Age*. New York: W. W. Norton & Company, 2003.

ZILBERMAN, Regina. *Estética da recepção e história literária*. São Paulo: Ed. Ática, 1989.

ANEXO I - FIGURAS

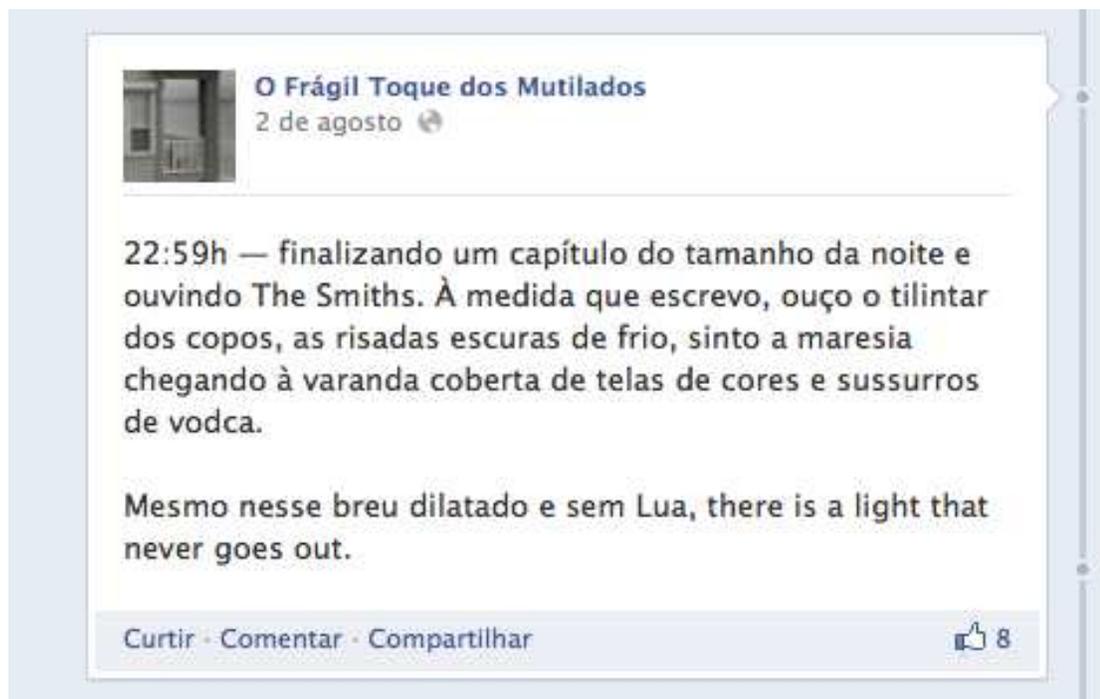


Figura 2: post extraído da página *O Frágil Toque dos Mutilados*, de Alex Sens Fuziy, no processo de escrita de seu livro.

diário de escrita #3

Publicado em 28.07.13 | 2 Comentários

Aconteceram coisas no mínimo interessantes durante o mês de julho, e embora ele ainda não tenha acabado, não espero por novas surpresas até que agosto bata à porta com sua secura, suas amoras quase roxas e seu inverno menos frio — também com a conclusão dos últimos capítulos.

No começo do mês perdi três páginas do romance. O notebook simplesmente desligou e tudo o que havia no HD foi perdido. Todo o trabalho anterior a estas páginas já havia sido devidamente guardado num pendrive, de modo que o alívio foi quase tão devastador quanto a tragédia que seria perder tudo. O cuidado redobrado me fez comprar um HD externo de 2 terabytes e então de repente você se descobre um grande aliado dessas tecnologias que antes pareciam exageradas. Reescrevi as três páginas com aquela imperecível dorzinha no coração, mas o resultado me agradou — mais do que aquelas páginas perdidas para sempre que ainda boiavam tentadoras na minha mente.

Figura 3: post extraído do blog *O frágil toque dos mutilados*, de Alex Sens Fuziy

ANEXO II – ENTREVISTA

Trecho da primeira entrevista com a crítica literária Heloisa Buarque de Holanda, que deu início ao processo de pesquisa para este trabalho na fase do projeto de Mestrado (2000/2010).

heloisa buarque <heloisa.buarque@gmail.com>
para .lucas ▾

Lucas, aí vão as respostas. Eu gostaria de saber mais sobre seu trabalho "as comunidades do ódio na internet"..... abs h

1) como você vê a relação entre autor e escritor via internet? De que forma esta facilidade de interação altera (ou) não o trabalho do escritor?

Acho que altera sim. Historicamente o escritor escrevia e colocava numa gaveta seus originais e ia à cata de um professor ou escritor mais velho e jea reconhecido para ajudá-lo a encaminhar seu texto para edição, ou seja, para torná-lo público. Esse mecanismo do guardar e ser "ajudado" é milenar e tem traços como a preservação segura da autoria e do patrimônio (guardar) e depois a garantia quase patriarcal de pertencer a uma família literária (que não é a sua). assim ele vem a publico seguro e protegido. Hoje os autores postam seus trabalhos simultaneamente ao gesto de criação (ou quase) . fazendo isso ele sabe que o trabalho está aberto, de certa forma "encena" um autor-personagem com efeitos verificáveis em seu texto, e cria uma rede geracional de debate e troca mais eficaz e dinâmica do que a antiga "vida literária" do século XIX que tanto fez pela consolidação da nossa literatura. Essas mudanças estruturais na autoria (que namora fortemente com uma autoria compartilhada) e no processo de divulgação e consumo da obra literária certamente estão definindo novas e irreversíveis formas de práticas literárias.

2) bem sabemos que a 'literatura sem papel' é pré-livro (pelo menos em formato codex). Neste sentido, o que mudou na essência da literatura com o advento de novas tecnologias da informação?

Eu acho que respondi na pergunta anterior. Se não, formula de novo pra mim que eu respondo.

3) Como você vê a questão das revistas eletrônicas via internet, sobretudo de crítica? A revista é uma mídia bastante específica de divulgação de informação , pesquisas, trabalhos científicos ou acadêmicos. Sendo assim ela exige rapidez. Ora, para a produção de uma revista exige-se pelo menos , numa visão arquioteimista, 3 meses. Fora o tempo de receber artigos etc. Esse tempo lento da publicação em papel, é incompatível com a rapidez solicitada pelo conteúdo informacional da revista. Penso que , se o livro, tende a permancer enquanto livro, pelo menos um certo tipo de livro, as revistas impressas tendem a desaparecer ou se transformar.